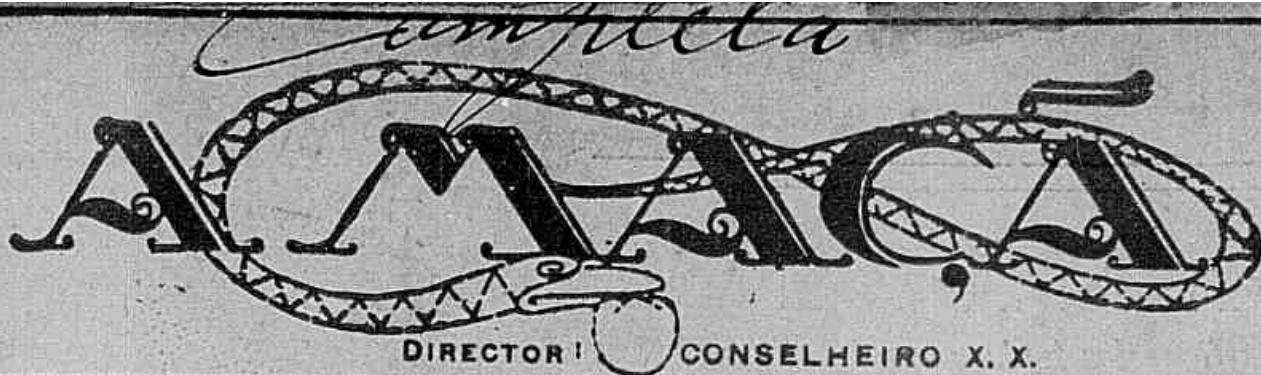


Num.
48
Anno I



6
Janeiro
1923

"REIS"... NON VERBA!



— Dia de Reis... Mil "coróas", quatrocentos réis l...

FRUCTAL

Pó effervescente á base

de saes de fructas

Laxativo, digestivo, anti-acido e diurectico, muito agradavel de tomar, cura as perturbações gastro-intestinaes e regularisa as funcções do ap-
: : : parêlho digestivo : : :

Uma unica dose do Fructal alivia
imediatamente qualquer incommodo
do Estomago ou dos Intestinos.

PREÇO NESTA CAPITAL 4\$000

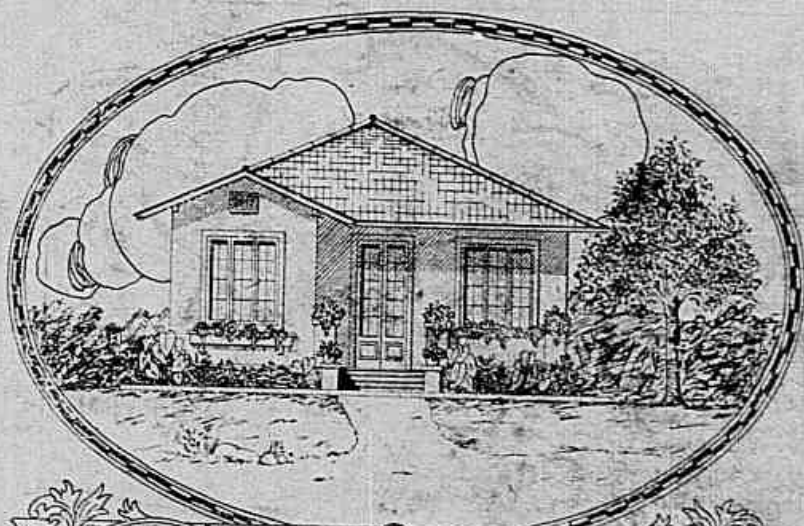


Manteiga phosphatada SIMÕES

ALIMENTA — NUTRE — TONIFICA

PARA CRIANÇAS E ADULTOS

Nos alimentos e na mesa — A' vontade
PASTEURIZADA - PURA - SABOROZA
Dep. RUA DOS ANDRADAS, 43
RIO DE JANEIRO



COMP. DE LOTERIAS NACIONALES DO BRASIL

Extracções publicas sob a fiscalização
do Governo Federal, ás 2 1/2 e aos sabbados
ás 3 horas.

RUA VISCONDE DE ITABORAHY N. 45

Hoje, 6 de Janeiro, As 3 horas da tarde

100:000\$000

POR 22\$000 EM DECIMOS

Os bilhetes para essas loterias acham-se á venda na sede da
Companhia á Rua 1.º de Março, 88.

DESENHOS
DE
CONSTRUCCÃO
EM GERAL
DECORAÇÕES
DESENHOS DE MACHINAS

van

RUA DO OUVIDOR 133.1ª
TEL NORTE 4838
KASTRUP

DYNAMOGENOL

O mais efficaz dos tonicos para o systema nervoso e muscular. O mais completo ACCELERADOR DAS FORÇAS E DA NUTRIÇÃO

TONICO DOS NERVOS! TONICO DOS MUSCULOS!
TONICO DO CORAÇÃO! TONICO DO CEREBRO!

E' indispensavel a todos os indivlduos cujo trabalho produza a fadiga cerebral, taes como: literatos, jornalistas, padres, professores, empregados publicos, estudantes e guarda-livros. O DYNAMOGENOL é de resultados surprehendentes nos seguintes casos:

TUBERCULOSE
ANEMIA
CHLORO-ANEMIA
FLORES BRANCAS
FADIGA CEREBRAL
HYSTERISMO
NERVOSO
VERTIGENS
BRONCHITES CHRONICAS
PALLIDEZ
IMPOTENCIA

INSOMNIA
PALUDISMO
PERDAS SEMINAES
CONVALESCENÇA
MAGREZA
DORES DE CABEÇA
FALTA DE APPETITE
FRAQUEZA GERAL
SUORES NOCTURNOS
MÁ DIGESTÃO, ETC.

DYNAMOGENOL

As parturientes não devem deixar de tomar o DYNAMOGENOL, durante a ges-

tação e após a delivrance, pois assim conseguem filhos robustos e ter abundancia de leite rico em phosphato, graças a esta inegualavel preparação. Um só vidro de DYNAMOGENOL representa para a senhora que amamenta mais vantagens que uma duzia de garrafas d'Agua Ingleza.

Vende-se em todo o mundo! —
Deposito: Rua Sete de Setembro, 186



FOGÕES A GAZ ALLEMÃES

(De Junker & Rth-Karlsruhe)

Com os afamados queimadores economicos paten-
teados — Esmaltados de Branco, Nickelados,
Elegantes e Solidos, Limpeza absoluta. —
Universalmente conhecidos como os
mais economicos.

Geladeiras de todos os tamanhos

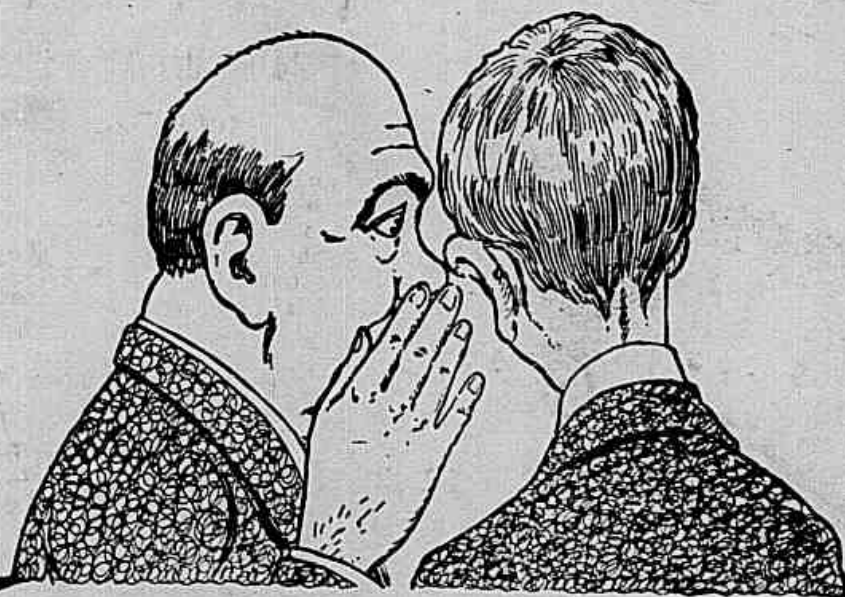
Sabonete SANITOL

é o preferido para o banho e toilette

Unicos depositarios: OTTO SCHUBACK & C.

Rua Theophilo Ottoni, 93

Telephone Norte 6773 RIO DE JANEIRO



FALLE BAIXO...

USE

Injecção Glycerina

de ABREU SOBRINHO

RUA DA LAPA, 6 - RIO

Que é a felicidade?

A felicidade é o amor. Para ser feliz, é preciso amar. Para amar, é preciso ser forte. E para ser forte, é preciso ter usado o

“SEXUOL”

Remedio providencial, de effeitos assombrosos incomparavel nos casos de Esterilidade — Debilidade sexual — Esgotamento nervoso — Fraqueza senil — Cachexia organica — Inappetencia genesica — Neurasthenia — Pouca virilidade, produzida por excessos.

Preparação opotherapica, feita segundo o methodo de Brown Sequard

Preço do tubo 10\$000

DEPOSITOS: **RIO DE JANEIRO** — Hargreaves & Cia.
Quitanda, 17
S. PAULO — Messias, Andreucci & Cia.
DROGARIA INTERNACIONAL - R. Quintino Bocayuva, 18



BIOTONICO FONTOURA

REGENERA O SANGUE
FORTIFICA OS MUSCULOS
FORTIFICA OS NERVOS

**O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE**

INSTITUTO MEDICAMENTA
FONTOURA S. PAULO

Em todas as farmacias e drogarias
Depositarios: Plinio Cavalcanti & Cia.
Rua da Alfandega, 147 - RIO

Agencia de “Publicações Mundiaes” de Braz Lauria

RUA GONÇALVES DIAS, 78 — Teleph. 1968 N.

RIO DE JANEIRO - BRASIL

Sciencia do Amor.....	18500
Os segredos da geração. Como determinar o sexo na concepção segundo os nossos desejos. 2.ª edição...	28000
O filho milagroso. Contos galantes.....	18000
Sciencia em familia. Collecção de curiosas experiencias ao alcance de todos.....	28500
Amar, gozar, morrer. Romance realista de Max Bois. 2.ª edição.....	28000
Hygiene do Amor. Iniciação amorosa pelo Dr. Paulo Durand.....	28000
A dançarina de Pompeia. Romance de costumes antigos por Jean de Bertheroy.....	28000
Mysterios da “Seita negra” ou os Dramas Secretos dos Conventos, por Max Dariol. Edição profusamente illustrada.....	58000
Um cabra perigoso. Contos singelos.....	28000
Costumes e vicios sexuaes.....	18000
Contos bizarros, por A. Sylvestre.....	18000
Cartas de mulheres, por Prevot.....	18000
A filha do peccado. Romance.....	18500
Voluptuosidades Romanas.....	18000
Sensações — Regina de Alencar.....	38000

Romances Illustrados de Paulo de Kock a 1\$500

As ligas da noiva || A Filha perdida
Bella costureira || Amor e ciúme

Collecção, Garota a 200 rs.

Um passeio ao campo || Uma Aventura de Amor
A cela de Cleopatra || O banho de Adelina
Eva (em espanhol) \$500

Semanario festivo para crianças de 8 a 80 annos, e para idade inferior a 8 annos «Carlitos» revista recreativa e instructiva..... \$200

Pelo correio mais 500 rs. sobre os preços marcados.
Novidades por todos os vapores — revistas, Figurinos, Bordados, Jornaes e Romances de todos os generos.

NOVIDADES POR TODOS OS VAPORES. — REVISTAS, JORNAES E ROMANCES DE TODOS OS GENEROS

VEHDE-SE NUMEROS ATRAZADOS D' «A MAÇA»



OS CONTOS DO CONSELHEIRO

O RAPE'

Encadernado na sua sobrecasaca preta, que o amortilhava em pé e em vida, o coronel Trancoso não perdia aquella palestra de toda a tarde na sapataria do SAVEDRA. A reunião era selecta, das quatro ás sete: o dono do estabelecimento, o Mendonça Marques, o dr. Tosta, o padre Venancio, o major Teixeira, e elle. Conversava-se politica, atacava-se o governo, falava-se da vida alheia, commentava-se o que diziam o jornaes da capital, e, como eram todos velhos, tomava cada um, de vez em quando, a sua pitada de rapé.

A intimidade estabelecida entre aquelles homens idosos, havia determinado, entre elles, habitos de economia verdadeiramente familiares. Si o assumpto aventado por um pertencia a todos, podendo cada um fazer em torno d'elle os comentarios que quizesse, o mesmo não acontecia em relação ao que custava dinheiro, inclusive o rapé e o

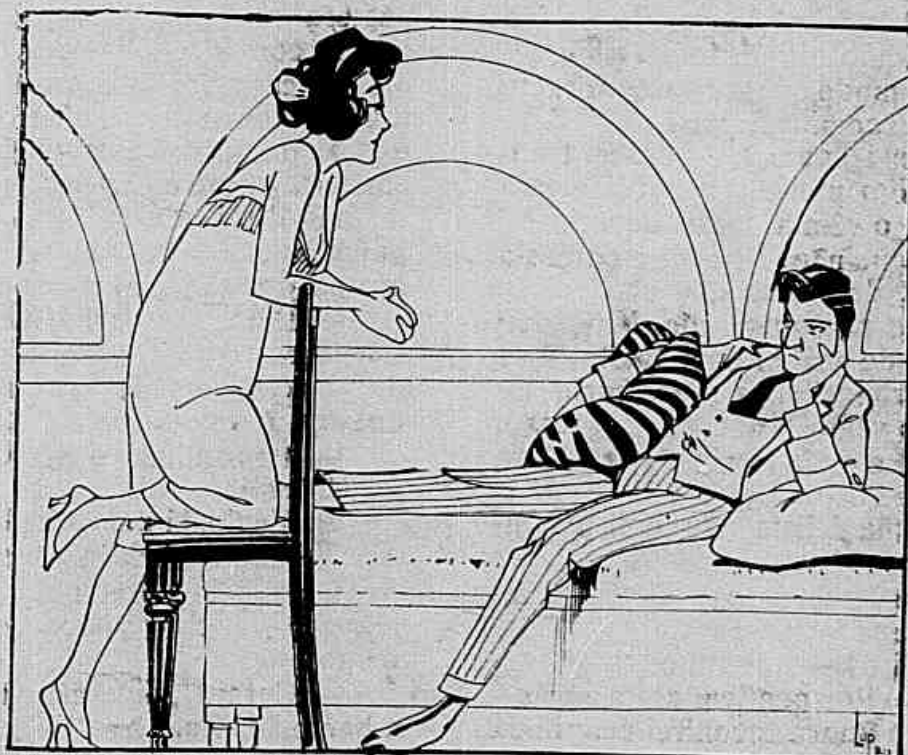
cigarro. Por isso, o Mendonça Marques não pedia' jamais, a pitada do SAVEDRA, nem este os phosphoros do Trancoso. Parecia mais uma reunião de judeus, de usurarios israelitas, que se disputassem, num torneio da raça, o premio de sovínice.

Foi por esse tempo que chegou á pequena cidade sertaneja, penetrando na roda, o professor Ezequiel Bermudes, que acabava de se aposentar na capital, onde exercera por trinta e seis annos

um logar no magisterio secundario. Tinha, como os outros, o vicio da pitada e a volupia do espirro, e foi com o rapé na ponta dos dedos, comprimido entre o pollegar e o indicador da mão direita, que fraternizou com os veteranos da terra nas palestras do SAVEDRA.

Os vencimentos de aposentado não eram, porém, tão fartos que dessem para sustentar as oito boccas da familia do professor, e, além das boccas, um nariz. A vida estava cara, dif-

AS LEIS DE PHYSICA



— Esta é boa! Si achas que eu sou «desequilibrado», como queres que eu te «sustente»?

VESTIDOS PARA VERÃO

Na CASA OSORIO custam menos
20%

Vestidos de Crepe da China em lindas côres com riscos bordados para 120\$, 130\$, 140\$, 150\$000 até	180\$000
Vestidos de Voile modelo escolhido, com bordados á mão para 42\$, 45\$, 48\$, 55\$000 e	58\$000
Vestidos de Palha de seda com bordados para 130\$, 140\$, até	170\$000

TERNINHOS PARA CRIANÇA

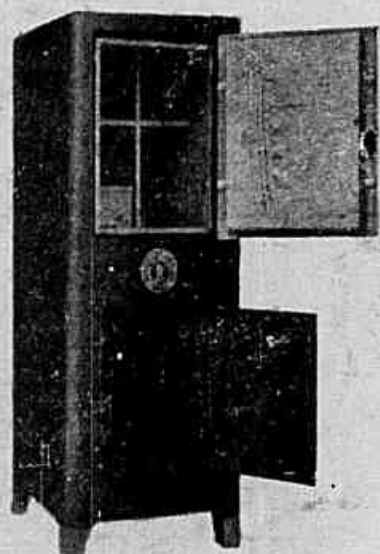
Os ultimos modelos em brim de superior qualidade para todas as edades a começar de 8\$000.

Gorros de brim — Chapéosinhos de palha, etc.

CASA OSORIO
RUA SETE DE SETEMBRO, 194
(Proximo á Praça Tiradentes)

..... TELEP., CENTRAL, 4996

Porque V.S. deve preferir o cofre moderno "MINERVA"



Porque é construido segundo os preceitos da mais moderna technica —

Porque a sua resistencia tem sido comprovada em violentos incendios (attestados á disposição) —

Porque é o producto de uma casa de responsabilidade —

Visitem minhas exposições a

Rua da Quitanda 156 e 158

Palacio das Industrias

Pavilhão das Grandes Industrias Nacionaes

CASA JOHN ROGER

Agente geral das Machinas de escrever Smith & Bros,
Hammond, Multiplex mimeographo "Edison-Dick" etc. etc.

AO CAHIR DAS FOLHAS...

Sentados em cadeiras de vime trazidos da ilha da Madeira, o desembargador Gaudencio Lara e o filho, menino de treze annos, olham, distraídos, o cahir da tarde, na praia de Botafogo. O sol desapareceu, já, por detrás das nuvens, no occidente distante; o céu está, porém, tão claro, que parece nascer o dia, de novo, do fundo das aguas, que refletem no seu espelho o perfil melancolico das montanhas.

Em baixo, sob as copas das arvores altas, passam, fazendo barulho, automoveis e bondes. E' o tumulto da vida, a agitação humana, o conflicto das paixões, das ancias, dos interesses. Por cima de tudo isso, entretanto, as arvores balouçam, afugentando os pardaes, que pipilam afflictamente, procurando o pouso para a noite.

Olhos pregados ao longe, no fundo cinzento daquelle amphitheatro de pedra, o magistrado pensava, distraído, n'uma sentença que devia pronunciar no dia seguinte, quando o Antoninho, que não tinha o pensamento tão longe, lhe observou, olhando um turbilhão de folhas amarellas que o vento acabava de arrancar do arvoredo da praia:

— Papae, essas arvores vão morrer...

— Quaes?

— Essas, da rua. Não está vendo como as folhas estão cahindo, todas?

— E' assim, mesmo, meu filho, — explicou o desembargador. — E' o Outomno.

— O Outomno, papae?

— Sim; então, não sabes? Pelo Outomno, todas as folhas cahem.

Não obstante a sua idade, e o seu tamanho, o Antoninho era um desses meninos ingenuos, de imaginação retardada, que deviam ter nascido mulher. Tudo, mesmo nos phenomenos mais rudimentares da Natureza, constituia, aos seus olhos, novidade. E foi por isso que elle se quedou pensativo, meditando naquella sabedoria de Deus, que despia as arvores exactamente quando fazia calor.

Viuvo, e com aquelle unico descendente, Gaudencio Lara mostrava-se louco pelo filho. Queria torná-lo um homem, um espirito forte, um individuo capaz de receber dignamente todos os



choques da vida. E era com esse intuito que o levava, ultimamente, a todos os lugares que lhe pudessem aperfeiçoar a intelligencia, e que contribuíssem, de algum modo, para o equilibrio do seu entendimento.

— Eu quero, meu filho, que conheças todos os perigos do mundo para que possas evital-os. E' preciso que não cáias, nunca, na armadilha de uma surpresa.

Pensando assim, e agindo na conformidade do pensamento, resolveu o desembargador Lara levar o filho, um dia, a um espectáculo artistico, em que a formosa bailarina Friederowna devia se exhibir em um dos seus números mais afamados. E estavam, os dois, nas suas poltronas, quando a artista de renome universal surgiu no palco, exhibindo, apenas, para velar a nudez do seu corpo esculptural, uma simples folha de parreira.

Sorriso illuminando o rosto corado, Antoninho avermelhou as mãos nas palmas á bailarina. E o pae admirava, encantado, aquelle enthusiasmo sem malicia, quando, terminado o espectáculo, e já no automovel, indagou, do filho:

— Gostaste, Antoninho?

— Muito, papae; gostei muito.

— Queres voltar amanhã?

O menino pensou um pouco, e recusou:

— Não, senhor; amanhã, não. Eu prefiro vir no Outomno: sabe?

E como o desembargador o olhasse, sem comprehender:

— Papae não me disse, uma vez, que é no Outomno que as folhas cahem?

Batu Allah

O mal dos carecas

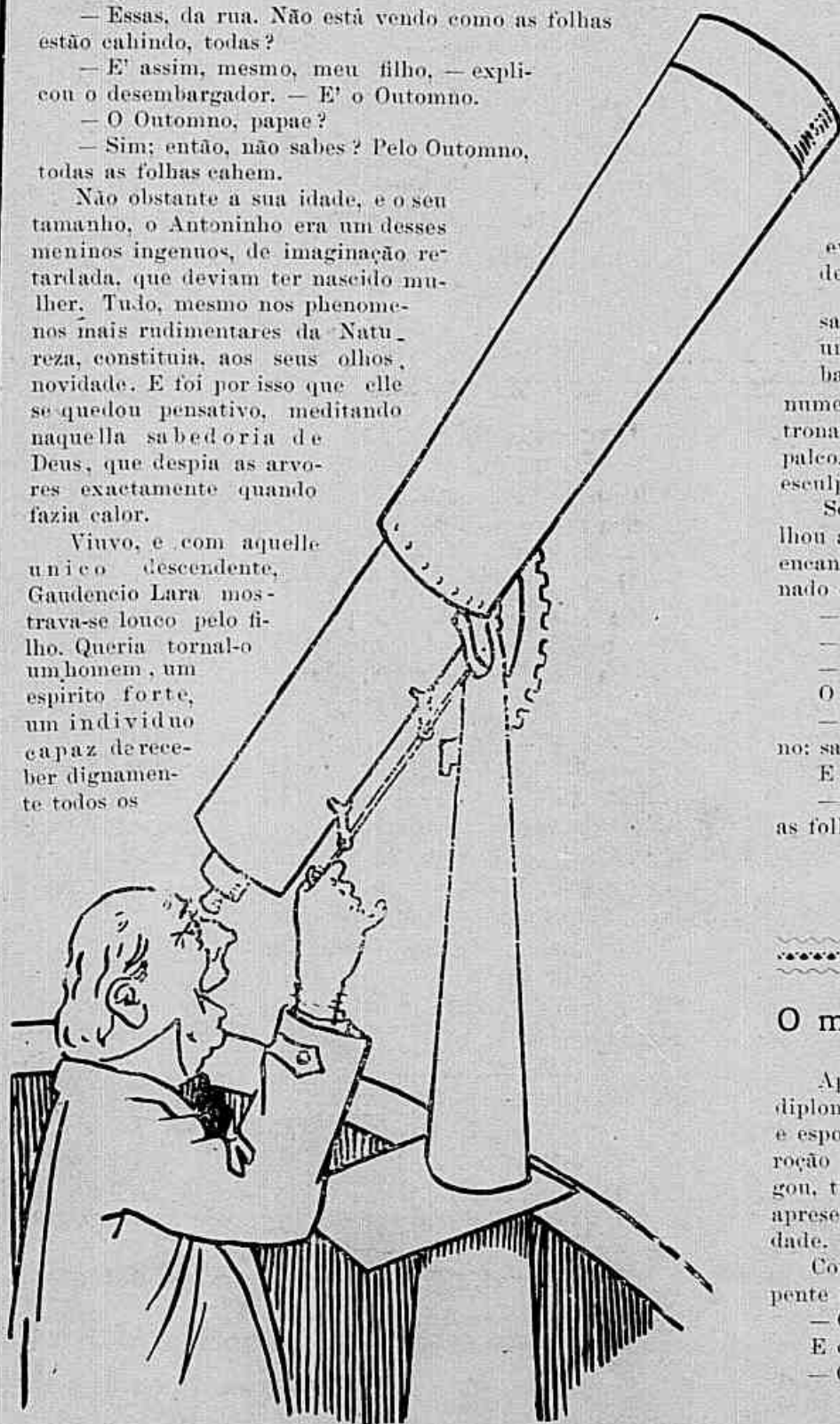
Apertadinho no seu terno cinzento, aquelle conhecido diplomata nacional, consul em um paiz friorento da Europa e esposo de uma das mais lindas creaturas da moderna geração feminina, entrou numa barbearia, na Avenida. Chegou, tirou o chapéu, e, ao sentar-se na cadeira do figaro, apresentou a este a mais polida e completa careca da cidade.

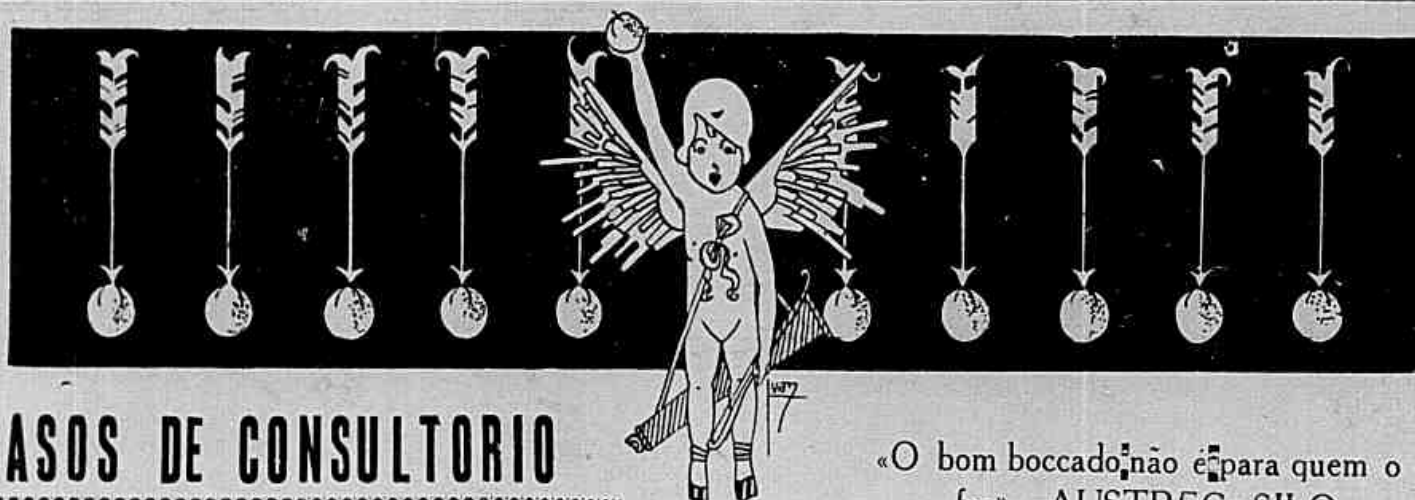
Confuso, o artista não sabia, bem, o que fizesse. De repente teve uma idéa.

— O cavalheiro enganou-se com a casa... — disse.

E como o freguez o olhasse, espantado:

— O doutor não está procurando o engraxate?





CASOS DE CONSULTORIO

«O bom bocado não é para quem o faz» - AUSTREGESILLO

O maior desejo de Dona Clarinha era ter um filho, que enchesse de encanto os seus dias. E era essa ventura que Deus lhe negava, e que ella foi pedir, um dia, ao seu velho amigo dr. Belmiro Valverde numa consulta de confiança.

— A culpa, Dona Clarinha, não é, absolutamente, sua, — diagnosticou o illustre medico brasileiro. — As suas condições são excellentes, e as mais propicias á constituição de uma prole numerosa. — A culpa é, com certeza, do seu marido. Mande-o aqui, e eu o submeterei a um tratamento que dará os melhores resultados.

Dias depois, começava o commendador Veridiano de Toledo a frequentar o consultorio do dr. Belmiro, no largo da Carioca, e a receber, sem pestanejar, uma série de injeções, formula do dr. Voronoff, empregada, no Brasil, pelos drs. Torreão Roxo, Abel Porto e Nabuco de Gouvêa. E á medida que o tratamento era feito, mais o commendador se tornava lépido, expansivo, remoçado, como se tivesse raiado para elle, de subito,

uma nova juventude. Apenas, como consequencia, Dona Clarinha não voltara mais ao consultorio, para dizer alguma cousa sobre os efeitos do remedio.

Dez mezes depois, o telephone do dr. Belmiro chamava, alta noite, em São Francisco Xavier. Tratava-se de «gente nova» na casa do commendador Veridiano.

— Vou já, com os ferros... — prometteu o conhecido profissional.

Ao chegar, porém, á residencia do commendador, estranhou o medico ser recebido, á porta, por Dona Clarinha.

— Então, não é a senhora?

A dona da casa ficou vermelha, até os olhos.

— Não, senhor, — informou, envergonhada.

E com tremores na voz, baixando a cabeça:

— Quem está com as dores, é a copeira...

Charcot & Pasteur

ficil, intoleravel, e foi pensando nisso que Bermudes tomou, logo, uma resolução, que lhe parecia de grande alcance financeiro: supprimiu das despesas a verba classica do rapé, passando a usar apenas o dos amigos, em pitadas pedidas aqui e alli, durante o dia, nas suas peregrinações de desoccupado.

Essa deliberação, uma vez posta em pratica, foi notada, logo, no sinhedrim da sapataria. Ha doze annos os frequentadores não tomavam a pitada uns dos outros, de modo que o caso se tornou, de prompto, objecto de commentarios.

— E a maior victima sou eu, — observava o coronel Trancoso, antigo presidente da Camara municipal. — Vocês só o vêm á tarde, quando estamos reunidos aqui; eu, não: encontramos a todo momento na rua, de forma que são seis, e até oito, as pitadas que pereço por dia. Mas, deixem estar, que eu hei de acabar com isso!

Parecia, mesmo, proposital, a preferencia do professor pelo rapé do velho Trancoso. E a razão, elle proprio a deu, entre meia duzia de espirros, abafados pelo lenço de Alcobaça:

— O seu rapé é uma delicia, coronel! E' Viuva Cordeiro?

— Não; é feito em casa, mesmo. E' cá um segredo meu, que vale uma fortuna.

— Acredito! acredito! — tornou o antigo cathedratico do Lyceu. — Por que tem um sabor especial, um gosto que eu nunca encontrei em pitada nenhuma!

— Pois, sabe o que é? — observou Trancoso, confidencial, olhando para um lado e outro. — Eu lhe digo.

E ao ouvido do outro:

— E' que eu, quando tenho de torrar o fumo, addiciono uns cabellos da nuca da Maricota, aquella mulata lá de casa... Sabe?

— Ahn !... — fez o professor, deliciado com a noticia. — Então, é por isso!...

Essa informação, foi peor, ainda, para o velho Trancoso. Si o professor lhe filava seis pitadas, passara a filar doze. E de tal forma, que, para acabar com a exploração, o coronel chegou, um dia, em casa, foi, elle proprio, ao gallinheiro, juntou uns monticulos de cheiro duvidoso, e já seccos, que as gallinhas haviam deixado aqui e alli, collocando-os sobre uma tampa de lata, juntamente com o fumo destinado ao rapé. Uma vez torrado tudo, pulverizou, e, enchendo a caixa de casco de tartaruga, ameaçou, num sorriso:

— Deixa-te estar. Hoje, eu te ensino!

Horas depois, entrava o coronel na pharmacia do Guedes, quando o professor, que vinha no seu encalço, o saudou, com a sem-cerimonia habitual:

— Bons olhos o vejam, meu caro coronel!

E logo:

— Venha lá uma pitadinha das suas!

Trancoso abriu a caixa, Ezequiel mergulhou, nella, os dedos tremulos, entupindo o nariz. E ainda não havia espirrado, quando fez uma careta, de nojo.

— Coronel, diga-me uma cousa, — observou, a bocca aberta.

E, anciado, sem fôlego, cortando as palavras:

— Você não terá... errado... a nuca... da mulata?

X. X.

FIGURAS NACIONAES



ALAOR «PRATA»
(O Prefeito de «ouro»)

FIGURAS NACIONAES

ALLAH-ÔR FIDGI



Não obstante haver sido o seu nascimento registrado, annos depois, em Bagagem, no Triangulo Mineiro, em virtude de uma lei republicana que legalisa o estado civil dos que não acceitaram em tempo a separação da Igreja do Estado, Allah-Ôr nasceu em Beyruth, na Syria, em 1881. Por uma estranha coincidência,

viagrou elle para o Brasil, ainda nos cueiros, no mesmo vapor que trazia para esta nova patria o grego Pandiá Kalogeras, filho de Athenas, que andava, então, pelos doze annos.

Rebento promissor de uma nobre familia do monte Libano, cujos antepassados mais eminentes haviam perecido pela sua fé na mão impiedosa dos musulmanos, Allah-Ôr era christão maronita, desde o nascimento. Pandiá era ortho-doxo, e isso fazia com que andassem um pouco separados, mesmo nos pequenos limites do navio. De viagem, porém, para Estrella do Sul, as duas familias se deram, de modo que Pandiá teve a ventura de segurar nas mãosinhas do menino desde que elle começou a engatinhar.

A Republica, proclamada em 1889, surpreheenden o pequenino filho de Beyruth estudando as primeiras letras no collegio particular de Dona Marianna Lisboa, em cujo archivo (ainda existe em Uberaba essa veneranda educadora) figura, na classe, com o numero 7, e com todo o seu nome: Allah-Ôr Fidgi. Concluidos os preparatorios em Ouro Preto, em cuja Escola de Minas pretendia matricular-se, resolveu o estudante, bruscamente, integrar-se na geração Brasileira. E como para isso lhe faltasse apenas a nacionalização do nome, mudou o seu, ou, antes, traduziu-o, para Alaôr Prata, com o qual se inscreveu no curso (Fidgi, na lingua dos infieis, quer dizer Prata).

Esse recurso não impediu, entretanto, que os collegas lhe descobrissem a origem; e d'ahi o appellido de «Jovem Turco», que lhe puzeram nos bancos academicos, e contra o qual o moço maronita, animado de um espirito de tolerancia nada commum na sua raça, jamais se insubordinou.

Conseguindo com brilhantismo o diploma de engenheiro, regressou Alaôr a Uberaba, onde o seu nome começou a apparecer com frequencia nos jornaes separatistas. Explorando essa circumstancia, uma folha contraria á independencia do Triangulo aventurou uma suggestão perversa: o moço do Libano promovia a separação daquella região mineira para instituir alli uma republica de mascates, vendedores a prestações, na qual se fossem homisiar os christãos maronitas, que erravam pelo mundo, sem templo e sem patria.

Era, visivelmente, uma infamia. Alaôr, o engenheiro uberabense, nada tinha mais com o menino Allah-Ôr, com Beyruth, com a Syria, com o monte Libano. E foi para provar isso que se approxinou dos elementos governistas do municipio, entre os quaes se destacou de tal forma que era incluído, em 1906, na chapa official do Partido Republicano Mineiro, e catalogado, na estatística intima da aggremação, como representante dos «Viuvinhas», isto é, da corrente que tinha por chefe o coronel Bueno Brandão.

Na Camara, a sua figura se destacou, logo, pela sympathia, pela distincção, pela feição insinuante. Não tinha o aspecto bisonho, tímido, retrahido, do mineiro legitimo. Polido com toda a gente, não fazia questão de pôr-se em destaque pelos discursos, nem, mesmo, pelos apartes. Contentava-se com a palestra ora com um, ora com outro, de modo a crear na consciencia da casa a fama lisonjeira de homem de talento, de cultura, e, sobretudo, de caracter. Soldado do seu partido, obedecia ao mando dos seus chefes; a sua attitudo era resalvada, porém, por uma observação ou por uma pilheria maneirosa, com a qual fugia a quaesquer responsabilidades. Um caso, entre muitos, define a singularidade dos seus protestos.

Em principios de 1910, haviam os chefes eleitoraes de Minas recebido ordens para que intensificassem a propaganda da candidatura Hermes, que principiava a ser abalada pela palavra de Ruy. Maleta de couro na mão, Alaôr sahiu a percorrer o Estado, com Bueno de Paiva, fazendo voltar ao aprisco do partido os pequenos chefes recalcitrantes. Certa noite, viajavam para Bello-Horizonte, quando o trem parou em Carandahy. O aspecto da estação era triste, monotono, desolador. Não havia ninguem por perto e o silencio era quasi absoluto. Apenas a machina resfolegava, cançada do trajeto, como um animal que supplicasse repouso.

Um ao lado do outro, olhavam] os dois essa paysagem dolorosa, quando Alaôr Prata descobriu, ao fundo desse quadro, uma bodega illuminada fracamente por um candieiro de kerozene, e, á porta da bodega, sentado num tamborete, um caboclo, dedilhando soturnamente uma viola fanhosa.

— Homem feliz!... — exclamou Alaôr, contemplando a singelleza d'aquella vida.

— «Você acha, mesmo, que aquella vida contenha felicidade, e que aquelle homem seja feliz?» — obtemperou Bueno de Paiva.

Alaôr Prata confirmou:

— Acho, sim.

E num rasgo de franqueza:

— Basta a circumstancia de não ter á sua conta a responsabilidade de eleger o Hermes!

Presidente da Comissão de Obras Publicas, na Camara, era dos pouquissimos deputados que não so'freram, jamais, ataques da imprensa. E desfructava essa bemaventurança miraculosa, quando, ha dois ou tres annos, foi commissinado pelos creadores do Triangulo para uma viagem ás Indias, onde devia fazer estudos especiaes sobre a criação do zebú.

Essa excursão ás terras maravilhosas do Oriente foram para o deputado mineiro de uma vantagem incomparavel. Esquecido dos bois de Gualior e de Lahore, o seu primeiro cuidado foi subir o Ganges, e ir consultar, nos eremitérios sagrados, os brahmanes seculares sobre o seu destino politico. E foi verdadeiramente amedrontado, e com os olhos fixos naquella mumia impassivel, que o moço brasileiro ouviu, de um d'elles, num vaticínio sereno, estas palavras de esperanza:

— Tu foste do Oriente para o Occidente, como o sol. Estudaste nos livros para descobrir os thesouros da terra. E, sem cavar a terra, descobriste duas minas: uma de prata, no interior do teu paiz, e outra de ouro, no sul.

O consulente olhou, estupefacto, aquelle homem que lia o passado e o futuro, e esperou as previsões:

— Serás um grande da tua terra. Os teus patricios te cercarão de respeito, e confiarão em ti, mesmo quando percam a fé nos outros homens. E momento haverá, em que serás chamado, talvez, para conduzir á felicidade e ao trabalho os restos de um grande povo! Isso depende menos de Brahma, de Siva e de Vichnu, do que, mesmo, de ti.

De regresso ao Brasil, não esqueceu o antigo maronita a previsão optimista do brahmane. Honesto, fino, educado, intelligente, continuou o seu caminho, na sympathia geral. E um dia, nos principios de 1922, appareceu na Camara, de fraque.

— Você de rabo? — extranhou Valdomiro Magalhães, seu amigo do peito. — Você pretende alguma cousa?

E como Alaôr sorrisse, atrapalhado:

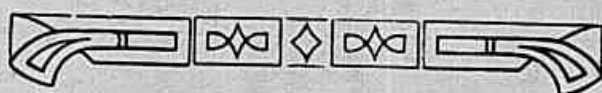
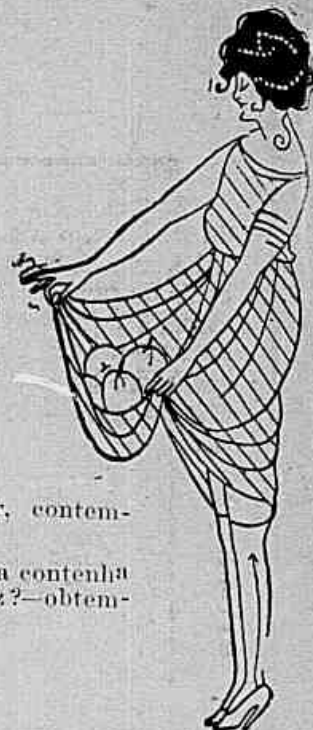
— Você pensa que eu não sei? Mineiro só veste fraque quando está com vista a algum cargo de destaque. O Wenceslau só foi eleito presidente depois que usou fraque. O Sabino foi mais uma criação do seu fraque do que de si mesmo. O Arthur, comprou o primeiro fraque, foi indicado para a presidencia; comprou o segundo, foi eleito.

E batendo-lhe no hombro, confiante:

— Fraque em mineiro, é sorte certa!

E a superstição confirmou-se. Alaôr Prata lá está na Prefeitura, como governador da cidade, honesto, integro, direito, trabalhador, entre os applausos dos seus concidadãos, que, certamente, lhe dariam outro fraque, si elle precisasse, por acaso, para ir mais alto, e mais longe, da fragilidade humilde, e tão duvidosa, daquellas azas de panno...

Rodin





A PREGUIÇOSA



Retirada aos quinze annos do Collegio Sion, onde os seus habitos aristocraticos não se haviam conformado com a severidade da educação, Sinhásinha Prates era mais uma boneca do que, propriamente, uma mulher. Ao acordar de manhã, entrava-lhe no quarto de dormir uma criada, com a escova de dentes, a agua aquecida, o dentifricio e a chicara de café. Após o banho morno, onde uma empregadinha a ensaboava, a arrumadeira a vestia, passando a moça para outro gabinete, onde lhe ordenavam os cabellos castanhos, lhe puliam as unhas e lhe tratavam dos pés. Ao meio dia,

emfim, descia aquelle «bibelot» humano para a sala de almoço, fazendo o pae o seu prato e, quasi, lhe pondo á bocca um pedacinho de cada manjar.

Ao entardecer, trazia-lhe o «chauffeur» o automovel para o passeio; e, á noite, ao regressar, entregava-se toda ás creadas, que lhe tiravam o chapéo, os sapatos, as joias, o vestido, as meias, preparando-a para o jantar e, em seguida, para dormir.

Um dia, Sinhásinha casou-se. O marido, advogado opulento, possuia dinheiro para todas as modalidades do seu capricho. E taes vontades lhe fazia, que a moça não deu, sequer, pela falta do coração do companheiro, roubado, de subito, por uma das suas costureiras.

Dez annos passaram os dois assim, um extranho ao outro, vivendo cada um para seu lado. Ao dr. Antunes Mendes, repugnava, sinceramente, aquella coquetaria da mulher. Sinhásinha não fazia nada, em casa. O chapéo, mesmo, com que devia sahir a passeio era posto na sua cabeça pela mão da criada. Era a indolencia viva, a preguiça humanizada, a galanteria elevada ao ultimo gráo, na escala ascencional.

Certo dia, porém, morreu a coquetissima Sinhásinha. Morreu, foi enterrada, e confiada á fome dos vermes. E, annos depois, fallecia o marido, que foi sepultado no jazigo da familia, ao lado da «cara» metade.

Ha destinos, entretanto, que perseguem a creatura, mesmo na morte. E o de mme. Antunes Mendes foi um desses. Emquanto os restos mortaes

do marido repousavam, quietos, no fundo de um jazigo, fôram os d'ella removidos para uma pequena urna, onde a mão de uma sobrinha os amontoou, sem ordem nem classificação, pondo a tibia perto da caveira e a costella ao lado dos ossos do pé.

Assim atirados á margem da vida, não sentiram, Antunes Mendes e a sua Sinhásinha, a passagem dos dias, dos annos, dos decennios, dos seculos. E dormiam, separados, indifferentes á marcha do tempo, quando estremeceram no silencio da morte, ao clangor de uma trombeta que sacudia as entranhas da terra.

— E' o Juizo Final! E' o Juizo Final! — gritavam, tremulos, á face do planeta e debaixo do chão, vozes amedrontadas de vivos e de mortos.

Um arrepio de pavor passava por todas as cousas. Arrebetando as campas, esqueletos sahiam, chocalhando os ossos, arrastando as mortalhas dilaceradas. E, no meio d'estes, estava o de Antunes Mendes, que procurava abrir a urna funeraria em que jaziam, de mistura, os despojos da mulher.

Escancarada a urna, notou o antigo advogado que os ossos da esposa se mexiam, misturados, sem saber como se ajustassem uns aos outros. Phalanges e phalanges se ligavam, ora ao craneo, ora ao femur, ora ás tibias, para se despregarem outra vez, procurando nova adaptação. Sentia-se que haviam perdido a consciencia da sua forma primitiva, e que se atrapalhavam, afflictos, na ancia da reconstituição.

Impressionado, orbitas sem olhos, o esqueleto de Antunes Mendes olhava, dentes de fóra, a atrapalhação d'aquelles ossos desarrumados. E estava para fechar a urna, quando a dança macabra cessou, e a caveira de Sinhásinha, movendo os dentes amarellados, supplicou, num gemido de desanimo:

— Chama a arrumadeira... Sim?

Giovanni Morelli

O «NUMERO» EXTRA

A pequena «troupe» de «artistas» havia chegado á villa para dar espectáculos, e alugara, para theatro, um armazem abandonado, que o publico encheu de cadeiras, de tamboretos, de bancos, de sofás,

Os espectáculos constavam de simples divertimentos para crianças: um lençol grande, aberto ao fundo do salão, e por traz do lençol a Wanda, mu-

lher de Miguel Sakaroff, dono da empresa, e o Abrahão Bendengó, cuja missão consistia em manejar os bonecos de papelão, que faziam as «sombriinhas» movimentadas. Agarrados aos fios, com uma agiidade espantosa, puxavam elles ora um boneco, ora outro, ao mesmo tempo que travavam dialogos, como se fossem os calungas que falassem.

Ha seis mezes viviam assim, de villa em villa, de povoação em povoação, dando espectáculos. A' porta do armazem, o Miguel vendia as entradas, deixando passar a multidão. A parte artistica, essa, competia á Wanda, e ao Bendengó, que lá se ficaram por traz do panno, s'nhos, manejando as «marionettes».

Naquella noite, o armazem estava cheio, repleto, transbordando de espectadores. A' porta, olho vivo,

mãos ageis, Sakaroff contava o dinheiro dos bilhetes, avaliando de olhos cupidos a receita da sessão. E estava, já, em meio o espectáculo, quando, ao ouvir um sussurro no salão, o empresario olhou para dentro e estremeceu: no panno, sob centenas de olhares ansiosos, appareciam, de encontro á luz, a cabeça do Abrahão e da Wanda, que se beijavam escandalosamente, num beijo longo, profundo, desesperado!

— Miseravel!... — trovejou Sakaroff, crispando os dedos, rilhando os dentes, e avançando, decidido, no rumo do panno.

Ao chegar, porém, no meio do salão, estacou: terminado o beijo, que o publico suppozera um dos numeros do programma, rebentára a platéa numa tempestade de palmas em gritos de enthusiasmo:

— Bis!... Bis!... Bravos!... Bis!...

Olhos esgazeados, Sakaroff olhou em redor. Em torno, a multidão, fremita, applaudindo aquelle beijo de paixão, em que Wanda e Bendengó o trahiam, num impulso de desvairados, a elle, marido da rapariga e empresario da «troupe». O coração batia-lhe, no dezejo da vingança. Emquanto isso, porém, calculava o que seria o escandalo, naquelle momento, e diante daquella platéa que gritava, batendo palmas:

— Bis!... Bis!... Bis!... Bravos!...

A impaciencia começava a manifestar-se. Um assobio cortou, rapido, a sala, num principio de vaia. De pé, impassivel, Miguel Sakaroff, não sabia o que fizesse.

— Fóra! Fóra! Fóóóóó!... — gritaram vozes indignadas com a demora.

Ante o risco de ver os seus interesses sacrificados, o empresario tomou uma decisão: marchou, firme, para a «caixa» do theatro improvisado, e, dirigindo-se á esposa infiel e ao empregado desleal, que se encolhiam amedrontados, rugiu:

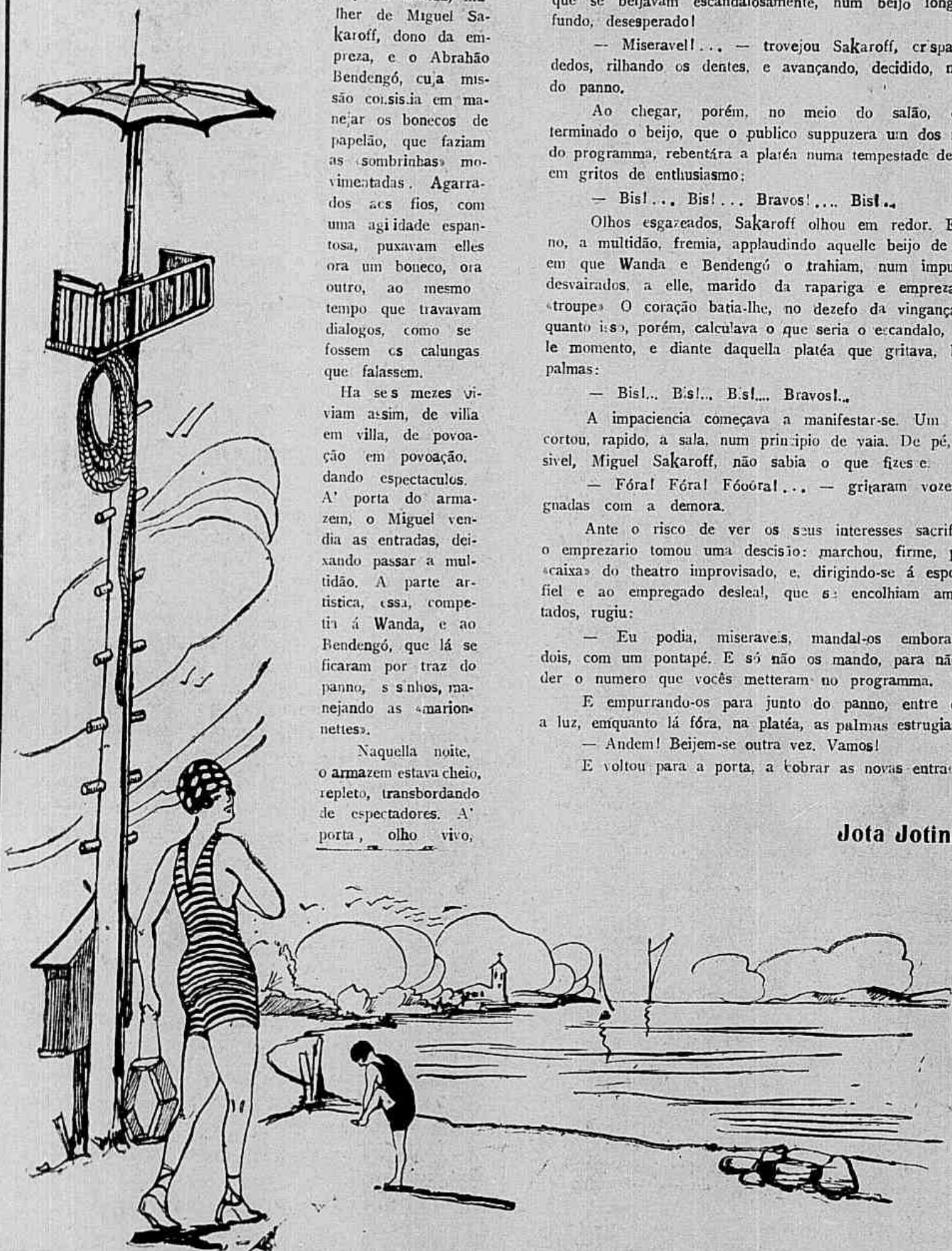
— Eu podia, miseraveis, mandal-os embora, aos dois, com um pontapé. E só não os mando, para não perder o numero que vocês metteram no programma.

E empurrando-os para junto do panno, entre este a luz, enquanto lá fóra, na platéa, as palmas estrugiam:

— Andem! Beijem-se outra vez. Vamos!

E voltou para a porta, a cobrar as novas entradas.

Jota Jotinha



FIGURAS PROMISSORIAS

PINTO DA ROCHA

Andava o Rei Don Luiz I, de Portugal, em 1885, de cidade em cidade, a visitar os seus subditos provincianos, quando, ao passar pela invicta Coimbra, foi saudado por um grupo de estudantes, um dos quaes lhe disse uns versos hugoanos, que assim começavam:

A aguia do mar sóbe aos pinaros
Levando um livro na mão,

E que terminavam com esta definição:

O vento é o sôpro das nuvens
Que fecha os olhos de Deus!

Enthusiasmado com a inspiração d'aquelle rapazola de vinte annos, o monarcha mandou chamal-o á sua presença, inquirindo-o:

— O senhor é portuguez?

— Sim, meu Senhor; sou portuguez de Além-mar.

— Da Africa?

— Não, Magestade; sou portuguez do Brasil!

Annos depois, estava o moço coimbrão no Rio Grande do Sul, de onde era filho, e começava a advogar. Espirito combativo, á maneira dos romanticos, tomava parte em todas as campanhas verbaes que appareciam na cidade em que vivia. No jury, fazia discursos que eram romances, e, nos jornaes, artigos litterarios que valiam por excellentes discursos do jury. A doçura do seu estylo ficou, logo, famosa. «A florinha do campo, beijada pelo rei Phebo — escrevia elle, — é menos frágil que a Constituição Republicana, batida pelos vendavaes da incerteza». E accentuava, num manifesto politico: «A consciencia humana tem um rouxinol que gorgoeja na noite das Revoluções. A face do lago é tranquillã, osculada pelos zephiros, mas o zephиро, que beija a folha do salgueiro, pôde mudar-se em temporal».

Escrevendo assim, e discursando com o suavidade lyrica das aguas do Mondego, suscitou, logo, discussões encarniçadas.

— E' um poeta! — diziam os politicos, empurrando-o para as letras.

— E' um politico! — protestavam os literatos, recambiando-o para a politica.

Nessa posição de mãe de São Pedro, não sabia Pinto da Rocha o que fizesse, quando teve, de repente, uma idéa.

— Eureka! — exclamou, como Archimedes.

E batendo na testa:

— Vou ser federalista!

A solução era, realmente, a melhor, ou, antes, a unica para resolver a situação. Os federalistas eram considerados, no Rio Grande do Sul, os poetas da politica, os idealistas por excellencia, os sonhadores incorrigiveis, e nada mais

logico do que a admissão, entre elles, de um novo templario, capaz de sacrificar um projecto por uma frase e um anno de realidade por um simples minuto de sonho.

Armado cavalleiro-andante em um concilio politico de São Gabriel, sahiu a pregar pelo Estado a nova religião da Patria, apontando ao odio das multidoes os Anti-Christos da seita, que eram Julio de Castilhos e Pinheiro Machado. E taes cousas disse e fez, que, ao fim de dois annos, penetrava na Camara Federal com o seu poncho, o seu rebenque e as suas

chilenas, á maneira dos antigos conquistadores hespanhões.

As primeiras arremetidas de Pinto da Rocha na Camara causaram admiração e terror.

— E' um novo Silveira Martins! — disse alguem, da tribuna.

Mas Germano Hasslocker aparteou, logo:

— Em edição de Lisboa!

Pouco a pouco, a voz do gaúcho foi perdendo, no ouvido dos seus pares,

a tonalidade primitiva. As luctas no seio do partido federalista fizeram-lhe prever que o seu reinado não estava por muito tempo. Acabada a legislatura, recolheu-se ás letras e, em particular, á sua advocacia. Escreveu alguns dramas, varios poemas, e uma infinidade de petições, como advogado.

Incompativel com o espirito do seculo, procurou uma bandeira, em que houvesse, ainda, qualquer cousa de idealidade. Exilado de Portugal, o pavilhão das Quinas havia sido hasteado no Rio de Janeiro, na zona commercial. Pinto da Rocha abrigou-se á sombra d'elle, apoiando uma perna em Deodoro, e outra em Nun'Alvares. Acolhido fraternalmente, tornou-se o advogado da colonia, e o seu órgão mais autorizado nas relações desta com a politica brasileira.

— E' um gallego honorario! — escreveu, uma vez, o grande João Ribeiro.

E é essa, hoje, a sua difinição nacional, a que elle não procura fugir, não só pelas suas relações com os circulos financeiros da colonia portugueza, como pelos seus escriptos, os quaes visam, todos, a fraternidade dos dois povos, que lhe parecem um só.

Autor dramatico, Pinto da Rocha ficou na epoca dos dramas sentimentaes, em que os personagens falam com a mão no peito e os olhos no céu.

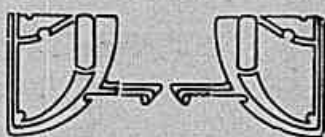
— Por que você não faz theatro á Bataille, á Bernstein, á maneira dos mestres modernos? — indagam os amigos. — Quando nada, escreva mais frequentemente, produza mais...

Pinto da Rocha olha, porém, o amigo que o aconselha, e indaga, atemorizado:

— E a «c'lónia»?

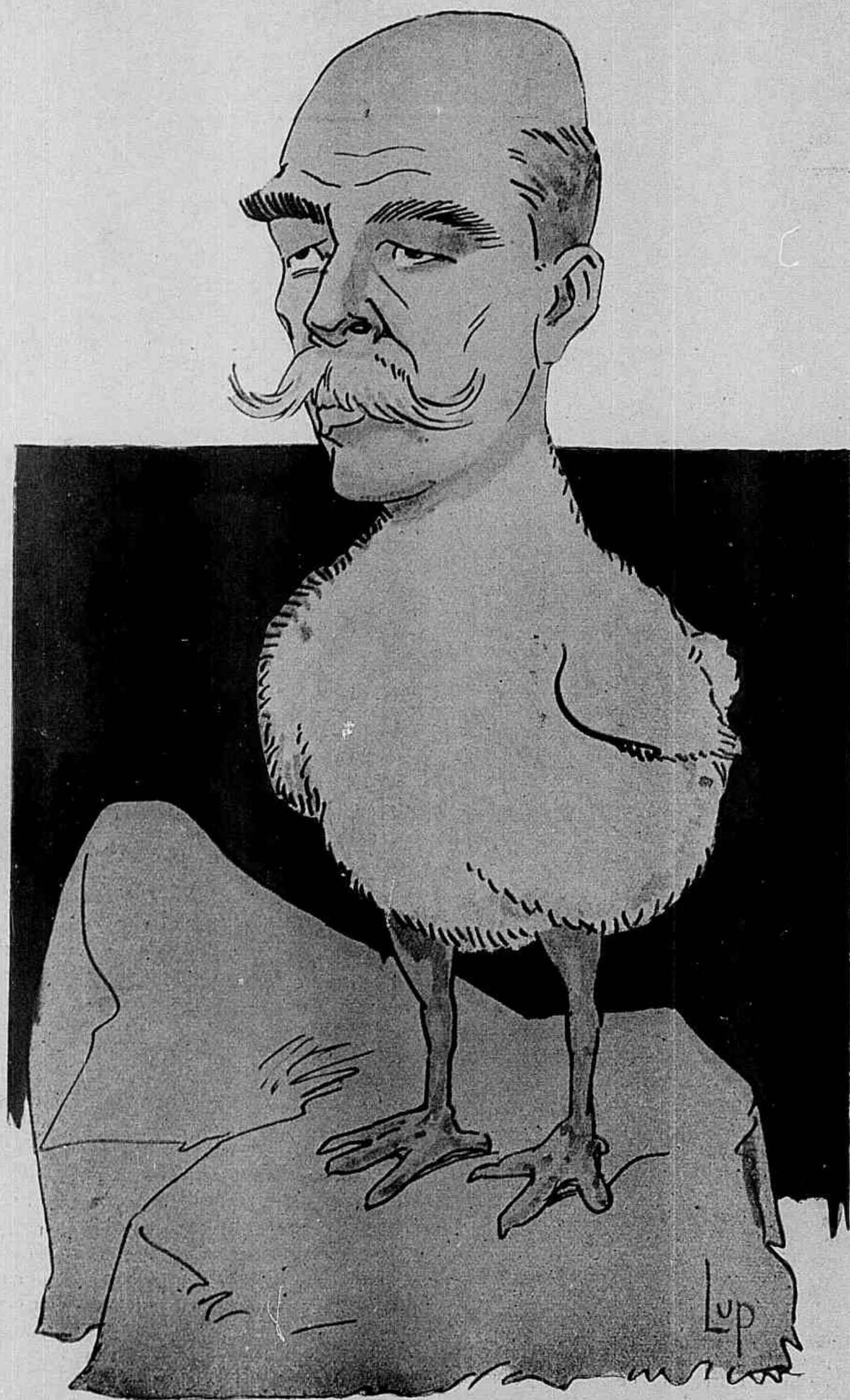
Que diria, realmente, o Banco dos Varejistas? Pinto da Rocha, com o seu talento, fizesse theatro por «atacado»?

Nú N'alvares



FIGURAS PROMISSORIAS

(HOMENS DE LETRAS)



PINTO DA ROCHA

HUMORISTAS ESTRANGEIROS

SERVIÇO DE AMIGO

Sentado na velha secretaria que vinha do seu avô, o honrado crítico Adolpho Frisson burilava períodos provisoriamente definitivos sobre a desmoralização do theatro moderno. «É impossível — escrevia o poderoso psychologo, — é impossível que a corrupção dramatica não produza algum fructo. A geração vindoura, certo, os recolherá.

O «virus» opéra. O lento trabalho de envenenamento está quasi concluido...»

Uma creada appareceu:

— O rs. conde Kourrhan pergunta se o senhor pôde recebê-lo.

— Que entre. Manda-o entrar.

O conde entra.

— Que bons ventos foram esses?

— Um serviço, meu velho; um serviço que me vaes prestar. A minha amiga Lili Florence, que ha trez annos não se mettia em cabotinismos, está amanhã nas Folies Luteciennes; e eu venho te procurar para...

— Já sei, — interrompeu Adolpho. — A tua Lili, interessante fóra do palco, não tem phisionomia para theatro.

Possue as mãos pequenas, mas embaraça-se com ellas. Complica o dialogo e, quando canta, recorda uma navalha cortando a pedra pome... Mas isso pouco importa, para te servir. Pela autoridade do meu verbo, e para teu prazer, Paris e as suas provincias serão informadas da sua triplice virtude de mulher bonita, de «diseuse» impecavel, e de «virtuose» prodigiosa. Não é isso?

— Não é isso?

— Eu te agradeço muito meu velho. Muito obrigado. Mas, não escrevas nada disso. Nem um elogio. Pelo contrario...

— Pelo contrario? Explica-te. Que queres que eu faça?

— Eu te explico. A minha vida torna-se um tormento toda a vez que a Lili é tomada pela mania de theatro. Isso acontece de tres em

tres ou de quatro em quatro annos, e é, para mim, uma tortura. Durante esse tempo, eu fico sendo a victima de quanta pilheria se fabrica nos bastidores, ao mesmo tempo que ella me engana, de-lavadamente, com todos os empregados da caixa, deixando-me de lado, de braços ou, melhor, de pernas cruzadas. Isso, sem falar nas despesas que me acarreta, e que me reduzem, quasi, á fallencia. Automoveis vestidos, joias, tudo isso pésa sobre mim, e só tem paradeiro quando a imprensa lhe cae em cima, atacando-a na sua vaidade de mulher e de artista. Então volta a ser a mesma companheira dos bons tempos, amorosa, apaixonada, fiel, odiando o palco, o theatro, a scena, para só me vêr a mim, aman'o me com todo o sangue, com toda a alma, com todo o coração.

— Queres, então...

— Já adivinhaste... Não?

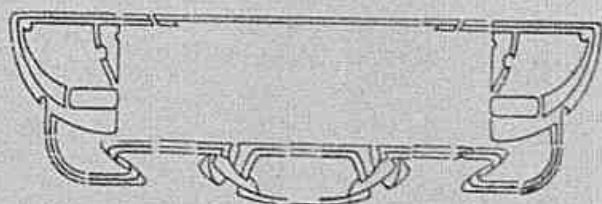
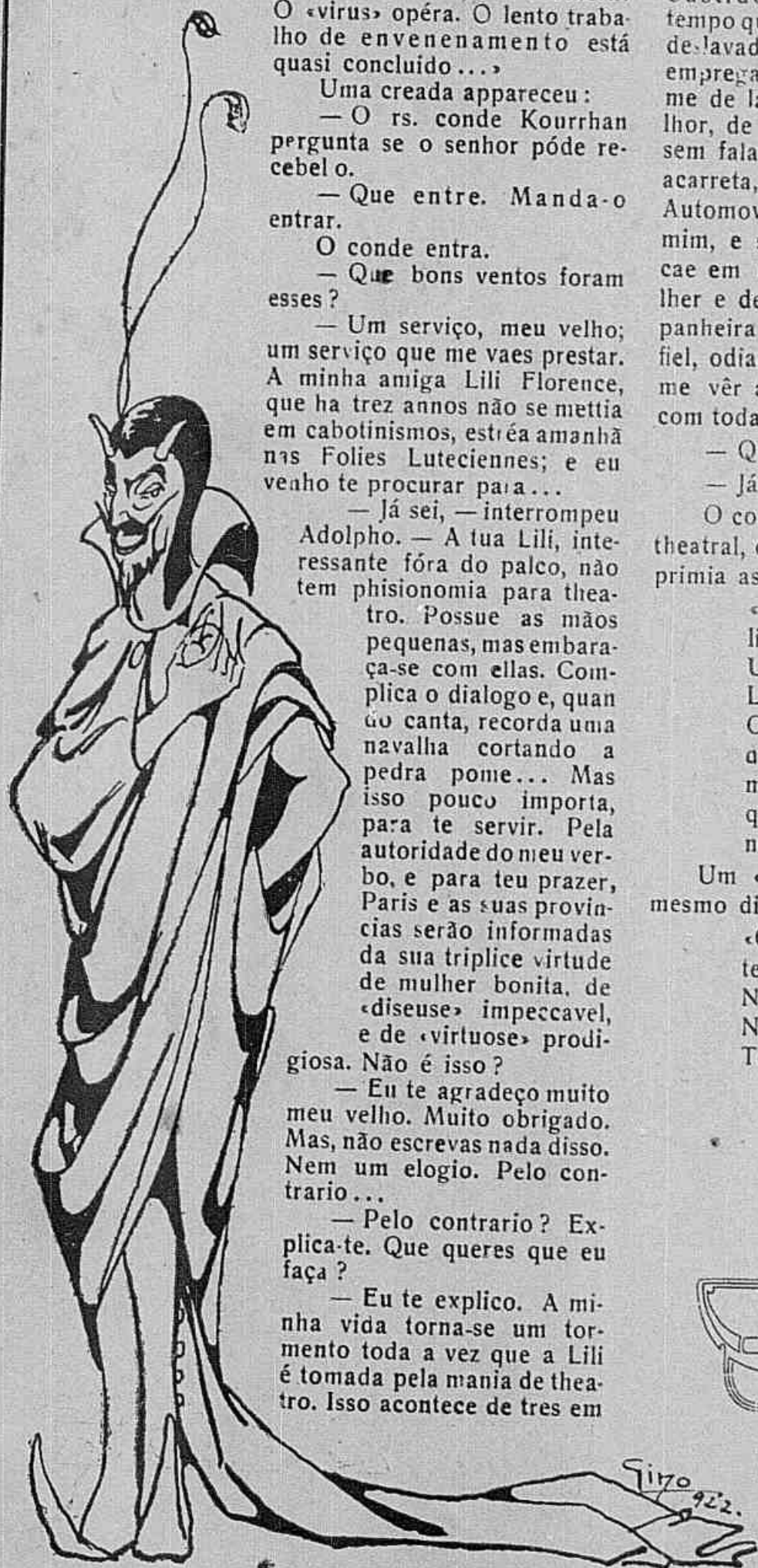
O conde apertou a mão ao príncipe da critica theatral, o qual, no seu folhetim dominical, se exprimia assim, a respeito da artista:

«A mansuetude do publico parisiense tem limites: e a galanteria franceza tambem. Uma rapariga que acode pelo nome de Lili Florence, fez uma experiencia dolorosa. Os assobios de uma sala justamente indignada lhe fizeram comprehender, felizmente (uma vez por todas, esperamos), que seu logar é não importa onde, menos no palco...»

Um «petit bleu» do Conde agradecia, nesse mesmo dia, ao illustre escriptor:

«Caro mestre e amigo. — Admiravel, o teu artigo!... A pequena capitulou!... Nestes trez dias, ella não se levantará!... Nem eu, tambem! Era tudo o que eu queria! Teu admirador e amigo — Conde Kourrhan»

Hughes Delorme



O BOM MARIDO

— A que horas voltas, Augusto?
— A's sete e meia. Virei jantar em casa.

Foi assim que se despediram, á porta que dava para o jardim, o antigo proprietário da loja de modas « Belleza Parisiense », e a sua esposa, cuja mocidade não era, ao que parece, convenientemente apreciada pelo marido.

Uma hora depois dessa separação, o risosinho palacete da rua Dona Marianna estava inteiramente mudada. Em vez de duas creaturas que a lei reúne mas que intimamente se detestam, o que havia allí era a alegria de dois corações que a lei separa, mas que o amor approximiava, transformando num só. Em melhores palavras: beijavam-se amorosamente, um ao lado do outro, no mesmo divan, a graciosa mme. Augusto Constant e o dr. Bernardino de Moraes, amigo íntimo de Augusto e, nesse caracter, seductor privilegiado da casa.

Embriagados de ventura, nada ouviam, os dois, do que ia lá por fora, na rua.

— Tu nunca me esquecerás... Não é, meu amor?

— Nunca, minha filha! Nunca! — promettia o rapaz, beijando-lhe soffregamente os olhos, os cabellos, o collo, a nuca, e a bocca vermelha, viva, apetitosa.

E estavam tontos de tanta palavra doce, de tanto juramento arrancado do coração, quando a porta da sala se abriu de par em par, e appareceu, nella, a figura de Augusto Constant.

— Perdôa-me, Augusto; perdôa-me! — gritou a moça, pallida, atirando-se aos pés do marido.

E vendo-o impassivel:

— A culpa é tua, Augusto! Si tu tiveses chegado á hora que disseste, não terias tido este desgosto! São cinco e meia, ainda!

— Tens razão!... tens razão!... — confessou o marido, puxando o relógio.

E pondo o chapéo na cabeça:

— Eu saio, outra vez! O culpado, sou eu!

E sahiu, puxando a porta, devagarinho...

Tenente Martins

O homem das cavernas

O sympathico jornalista e conhecido autor theatral, tem uma predilecção especial pelas mulheres feias e velhas. Não ha senhora madura e aposentada que não alimente a esperança de um « flirt » com elle.

Uma destas tardes, estava elle no pavilhão inglez, no recinto da Exposição, tomando chá com tres matronas do calibre costumeiro, quando alguém o indicou a Raphael Pinheiro, indagando:

— Quem é aquelle rapaz?

— Não o conhece? — estranhou o tribuno. E com ares graves:

— Aquelle... é o homem das « cavernas »!



— Si eu fosse seu marido, não a deixaria um momento!
— Eu teria, então, de namorar na sua presença?



AUTORES THEATRAES



BUY CHIANGA

ANTHOLOGIA GALANTE

ROSA

(Pagina dos «Cannaviaes»)

Um dia afinal, em Janeiro de mil novecentos e quinze, Rosa deu p'ra entristecer. E que tristeza foi aquella, que, em pouco, a casa feliz e pobre dos Campos Verdes se transformou completamente.

Em Maio, Rosa era já outra mulher. Encafuava-se pelos cantos e nada mais lhe agradava. Das novenas do arraial que, desde de pequena, não perdera, esqueceu-se naquelle anno. Apenas uma noite, já no fim do mez, lembrou-se de Maria, pelo estouro dos foguetes no Céu. Vestiu-se ás carreiras, e sozinha, andou um quarto de legua para receber a benção do Santissimo.

Em casa era outra Rosa. Quando o marido sahia, desaparecia tambem, deixando o lar em abandono e desleixo, carregando consigo, nos seios, as chaves das malas e baúys... P'ra onde ia não sei. O certo é que, por duas ou trez vezes, á tardinha, na volta da vaquejada, encontrou-a Ignacio na beira do riacho, aos fundos da malhada.

Correu ao avistal-o. Mas o sertanejo foi-lhe ao encaleço no lombo da pequirá. Topou-a junto á casa e insistiu rancorosamente:

— Que fazia, Rosa?

— Nada, Ignacio...

E choramingou, agachando-se, tremula de medo, entre os braços do seu homem, ébrio de vingança e de volúpia.

S. João na porta, na quebra do milho, Rosa não consentiu no convite aos batalhões da redondeza para, como nos annos idos, correrem os eitos, té a barra do dia limpar os pés da serra de Tabanga.

— Porque, Rosa?

Ella olhou-o triste e indefinidamente. Depois, saltou-lhe, em lagrimas, ao pescoço, num temporal irreverente de beijos, como se perdesse o pudor natural de roceira.

Podia lá Ignacio adivinhar o que era aquillo! De vez em vez, iscava-lhe na cabeça uma desconfiança seria. Matutava e soffria. Mas não podia ser. Era mesmo o que lhe dissera megera entendida.

Em breve, sua casa daria sombra a uma flor agreste, e, com a volta do inverno, o sertão renasceria para elle e para Rosa, aberto em flor, o collo cheiroso da terra rasgado de riachos claros. Era esperar.

Si fôra triste S. João, um S. Pedro como aquelle, nunca passara elle.

Naquelle noite do padroeiro do arraial, só na casa dos Campos-Verdes não havia alegria.

Ardia apenas no terreiro uma fogueira chôcha de gravetos de velame, catados aqui e acolá, sem gosto, por Ignacio. Accendeu-a cedinho.

Elle só arrebanhou as folhas secas da malhada e juntou as palhas e os capucos do chiqueiro. Encostou o tição e, a muito custo, o fogo pegou nos gravetos molhados. Aquelle pouco lhe dera muito trabalho. Tinha lá gosto p'ra nada! Rosa encafuada num quarto, nem uma espiguiinha de milho verde, nem um taco de pomonha, nada... Um desolamento que só muita devoção o fizera accender

uma fogueirinha.

E ella valeria por uma promessa.

O senhor S. Pedro havia de os ajudar, unil-os de novo como dantes, para, no anno que viesse, festejarem-n'o os dois com uma fogueira de pão de lei, um samba arrojado, a reino e á viola...

E, sentado na soleira da porta, derreado, já noite cerrada, corria os olhos maguados pelas capoeiras e pelas silhuetas das serras, no fundo da noite, imaginando dolorosamente. Velava-lhe a dôr profunda a fidelidade de «Seu pae», um cachorro de caça.

Ao longe, no arraial, rebentavam os fogos e, pelo céu turvo, de quando em quando, allumiava o estouro surdo de um foguete.

Malhavam os «ferreiros» nas lagoas tranquillias e a cansoadá, esperta e longiqua, vivava longamente, quebrando o silencio no matto, num agoiro sinistro.

A fogueira, em cinzas, fumegava, extinguindo-se. A bananeira, toda murcha de calor, era uma desolação.

Ignacio nem coragem tinha de soprar o buralho. Mas, de repente, o cachorro que lhe estava ao pé, de orelhas entezouradas, pulou no mato, de arranco, como uma flecha, sumindo-se...

O sertanejo perfilou-se, com a mão enconchada no ouvido, açulando:

— Isca, meu nêgo... Péga... É... cô...

Não ladrou o cão.

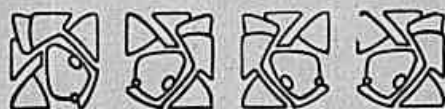
Estourou um tiro de revolver, e um sumido tropel de cavallo, a toda, quebrando velames, vertiginosamente, fugia pela capoeira, rumo ao grotão.

Ignacio gritou pela mulher, pulando em casa desnorteadamente. No silencio da sala, aos trambulhões pela escuridão, arrancou da garrucha e da lanibedeira e embrenhou-se na picada erma, ao encaleço do «Seu pae»...

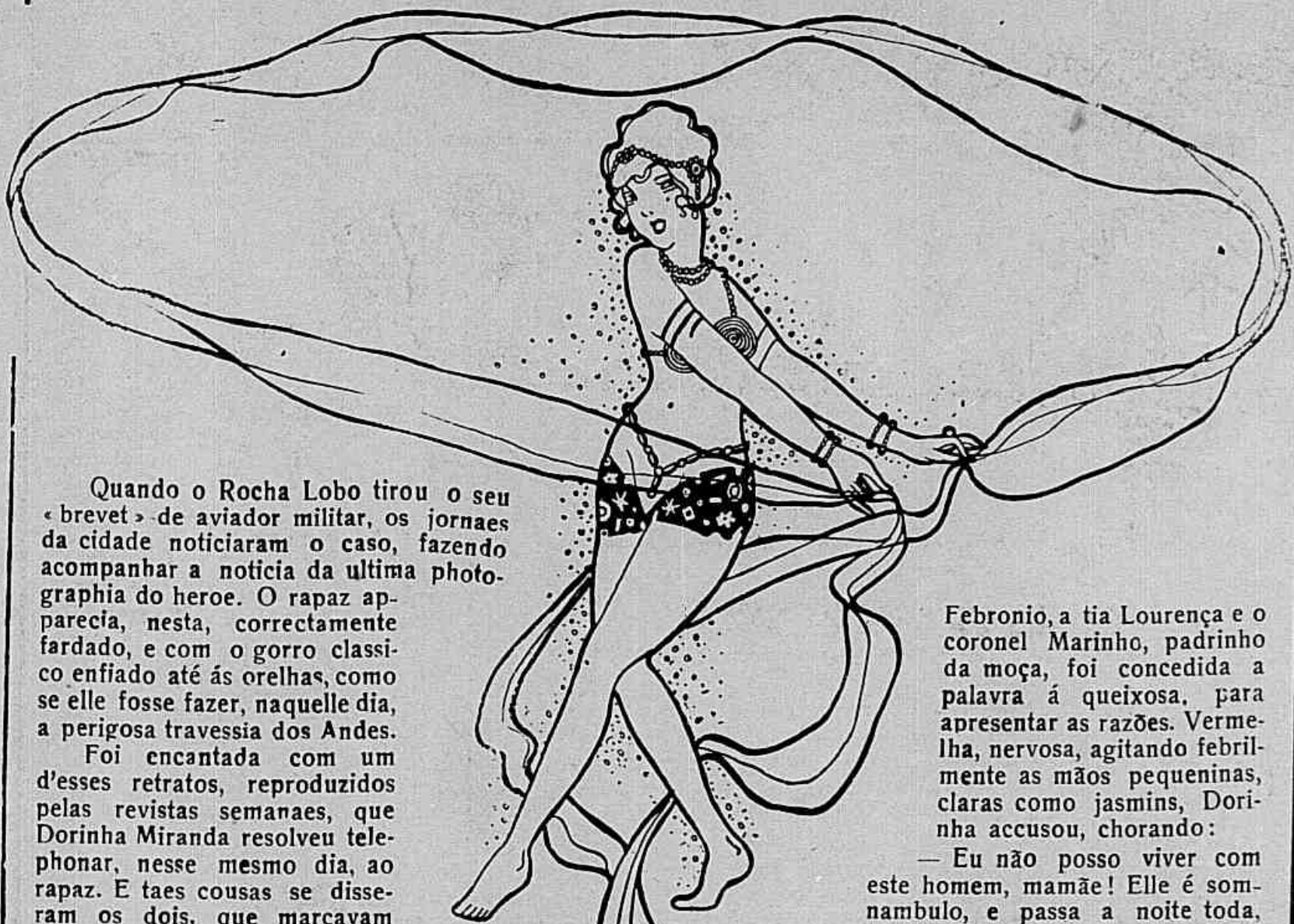
Á bocca da noite seguinte, o velho Nêo, que acabava uma coivara, encontrou Ignacio recostado na aroeira do aceiro da sua roça. Eram dez leguas distantes dos Campos-Verdes, já terra do Porto-das-Flôres.

Tresnoitado, ficára por alli, até lhe passar o estropeamento. De nada a agilidade lhe valera. Apenas, no grotão, «Seu pae», o cachorro, jazia atravessado por uma bala nos buxos, tendo entre os dentes cerrados mulambos da saia encarnada de Rosa.

Alberto Deodato



O AVIADOR



Quando o Rocha Lobo tirou o seu «brevet» de aviador militar, os jornaes da cidade noticiaram o caso, fazendo acompanhar a noticia da ultima photographia do heroe. O rapaz apparecia, nesta, correctamente fardado, e com o gorro classico enfiado até ás orelhas, como se elle fosse fazer, naquella dia, a perigosa travessia dos Andes.

Foi encantada com um d'esses retratos, reproduzidos pelas revistas semanaes, que Dorinha Miranda resolveu telephonar, nesse mesmo dia, ao rapaz. E taes cousas se disseram os dois, que marcavam para o dia seguinte um encontro na Lallet, e, ahi, para seis mezes depois, o casamento, que constituiu, no dizer dos jornaes, «um verdadeiro acontecimento social».

Uma semana após esse «acontecimento» mundano, occorria, porém, outro, mais grave ainda: a reunião de um conselho de família, para julgar o pedido de divorcio, que a moça queria, forçosamente, assignar.

Installado esse tribunal domestico, em que figuravam os paes dos recém-casados, o tio

Febronio, a tia Lourença e o coronel Marinho, padrinho da moça, foi concedida a palavra á queixosa, para apresentar as razões. Vermelha, nervosa, agitando febrilmente as mãos pequeninas, claras como jasmims, Dorinha accusou, chorando:

— Eu não posso viver com este homem, mamãe! Elle é somnambulo, e passa a noite toda, desde que se deita, a pensar que eu sou aeroplano.

— Aeroplano, minha filha? — estranhou Dona Felicidade, pondo o «lorgnon».

— Sim, senhora, mamãe! — confirmou a moça.

E desolada, desmanchando-se em pranto, em gemidos, em soluços:

— Ainda esta noite, dormindo, elle fez o «looping the looping» quatorze vezes!

O conselho de sentença, a quem o caso «aterrára», condemnou o réo, a seis mezes de vôo planado. Tte. Gil Both

isso ao pegar no prato da sobrezeza, era um nunca acabar de ralho e de pancada!.. Mas, diz-me uma cousa: tu achas, mesmo, que os maninhos são encontrados dentro da couve?

DODO — Eu? Eu, não!.. E' uma pilheria, menino; é uma simples pilheria...

DUDU — Eu tambem não vou nisso... E' como aquelle negocio do Pae Noel nos trazer pelo Natal os nossos presentes, que já estão no armarinho oito dias antes...

DODO — Deve ser uma cousa igual. Elles nos dizem isso para se desculparem...

DUDU — O papae pensa que todos são como elle, que acredita em tudo que vem nos jornaes.. Mas, afinal, na tua opinião, de onde é que nos vêm os maninhos?

DODO — D'onde? Escuta. Um menino, maior do que eu, lá da escola, me explicou outro dia.. Eu vou te dizer, baixinho.. Mas não fales disto, nunca, em presença de gente grande.. Promettes?

DUDU — Prometto.

DODO — Elle me disse, menino, que.. (e fa-

la ao ouvido do outro, baixinho, durante algum tempo.)

DUDU (depois de reflectir um instante) — Papae e mamãe?.. Tu estás certo disso?

DODO — Garanto-te que sim!

DUDU — E eu te digo que não!

DODO — Sim.

DUDU — Não!

DODO — Sim!

DUDU Não!

DODO — Peis se foi um menino, um grande, lá da escola, que me disse!

DUDU — Pois elle te enganou.. E' possivel que os bebés sejam fabricados assim, como tu dizes.. Mas não é papae com a mamãe.

DODO — Quem é, então?

DUDU — O truc que tu me explicaste, eu vi fazer, outro dia, pelo buraco da fechadura.. E' possivel que fosse d'ahi que veio o nosso maninho, que chegou agora; mas eu te asseguro que não foi papae mais a mamãe: foi papae e a creada!

Georges Ista



O MANINHO

Assentado sobre uma velha mala Dódó se mantém tranqüillo, enquanto Dudu enfia o dedinho cor de rosa no buraco de uma velha cadeira abandonada. Gravemente, os dois conversam a meia voz sobre cousas mysteriosas que se passam lá em cima, no dormitório paterno.

DODO — Sim, meu velho, nós, estamos aqui no porão, por causa de um irmãozinho que nos chegou de manhã.

DUDU — Um irmãozinho?... Ah, sim; um padrecó que não sabe enfiar nem a manga da roupa.

DODO — Não é isso, não. E' um pirralhinho, um bebé!

DUDU — Um bebé? Eu poderia metter-lhe uns alfinetes na barriga, como fiz com aquelle da prima Lucinha?

DODO — Tu estás confundindo, menino. O da prima Lucília era de borracha. O novo bebé, é de carne e osso, como tu e como eu. Si tu o espetares, elle abrirá num berreiro, e tu acabarás apanhando outra vez.

DUDU — Então não vale a pena a gente ter um irmãozinho.

DODO — E' bom e não é, menino. Elles, quando são pequeninos, choram, mas não falam. De modo que a gente pôde comer o bonbon que é para elles, que ninguem sabe. Elles gritam, gritam, mas não dizem nada.

DODO — Então, elles são muito tolos; não? mais tolos do que a gente grande.

DODO — São, sim; mas parece que todos nós já fomos como elles.

DUDU — Não, como elles?... Nunca! Si eu tivesse sido como elles, eu me lembrava... E só agora é que eu ouvi dizer que mamãe nos deu um irmãozinho...

DODO — E- verdade... Mas, sabes o que é que eu acho exquesito? E' que ella cae doente justamente no dia em que vão trazer um maninho para nós...

DUDU — E papae? Elle fica contente quando nos trazem um irmãozinho?

DODO — Qual, nada, menino! Papae fica furioso! Ainda hontem, elle chamou a vóvó lá na sala de jantar. Vovó dizia: «E' seu retrato, escripto!» E papae respondia: «Não me faça de tólo, de idiota! Quem não está vendo que esse menino tem a cara do Gastão!»

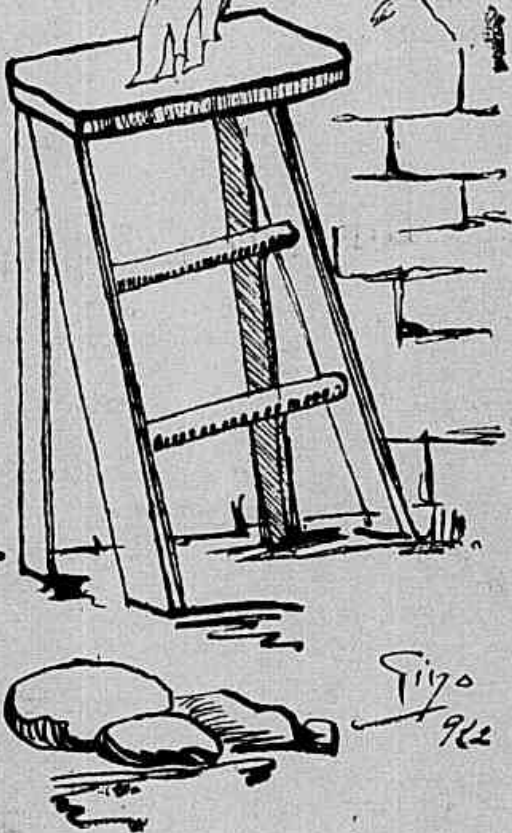
DUDU — Pois, olha: o papae devia estar contente; porque o dr. Gastão é um homem bem bonito... Não é?

DODO — E' sim; mas o papae, sabes, nunca tem bom gosto. Tu vês que mamãe diz isso a elle de vez em quando, a proposito de chapéus e de vestidos.

DUDU — Mesmo para brinquedos, tu sabes, elle não têm muito gosto. Brinquedo que elle traz é sempre barato, feio, brinquedo que qualquer menino tem... E a vovó, que foi que respondeu?

DODO — Vovó fez uma cara zangada, e gritou para elle, com aquella voz que ella tem quando a gente furta biscoito: «Pois, si não está contente, passe para cá o dote que ficará livre da mulher e das creanças!»... Então, papae gritou, tambem: «A senhora pensa que eu estou maluco? Por esse preço, eu fico com tudo!» E sahiu, batendo a porta, de um modo que elle não permite a nós sem risco de chinelada.

DUDU — «Eu fico com tudo!»... Foi isso que elle disse? E' preciso ser pae, para poder dizer essas cousas. Si algum de nós dissesse



912



O HUMORISMO NOS ESTADOS

(São Paulo)

ELOGIO DA CORTEZÃ

(Da «Mme. Pommery»)

Moysés é maior e tem mais peso do que todos os prophetas juntos. No Levítico, o proprio Moysés regulamentou em todas as minucias o commercio entre as mulheres e os varões, enumerando os casos todos em que as pessoas se tornavam immundas, interdictas, e careciam das purificações rituaes feitas no Templo. Estas disposições, particularisadas até os mais infimos pormenores, applicavam-se sobretudo á mulher, em diversas circumstancias. As paridas, por exemplo, eram im-

puras por quarenta dias; impuro ficava sendo o que as tocasse.

Entretanto, apesar de tantas minudencias, nem uma unica vez se faz menção da impureza das mundanas!

Isto prova que Moysés não enxergava a sanção divina sobre a deshonra que as estigmatiza.

Nem se diga que as leis mosaicas eram assim por ser naquelle tempo desconhecida a profissão de mrafona.

Na conquista trombeteada e horrifica devastação de Jerichó, manda Josué que seja poupada a vida somente a uma tal Madama Rahab—*sola Rahab meretricia vitat!*—porque escondera consigo dois espias dos hebreus.

Acrescenta a historia que esta insigne rameira casou e gerou pr le numerosa entre os seus conquistadores. Por onde se vê que o seu bom nome nada perdera, de facto, pelo opprobrio convencional da antiga condição. Mas o melhor de tudo é que este mesmo nome de Ra'ab reaparece na Genealogia de Nosso Senhor Jesus Christo, Evangelho de S. Matheus!

E' admiravel, na verd de, que os pregadores sagrados nunca se tenham valido desta circumstancia extraordinaria, para mais encarecer os merecimentos da humilde!...

Jesus Christo, porém, nunca descurou de patentear a nenhuma conta em que tinha os decretos transitorios dos homens imprimindo infamias indeleveis sobre as tristes peccadoras. Muito bem o demonstrou no episodio commovedor da Magdalena, e na absolvição da esposa adúltera. E com bons fundamentos se acredita que de adúlteras e de magdalenas era comp sta, na maior parte, a multidão de mulheres que O seguia.

Bem avaliava Christo quanta resignação e verdadeiro desprezo de si pr prias o seu triste mister lhes incutia, acostumando-as a carregar sem revolta o peso de injusta ignominia.

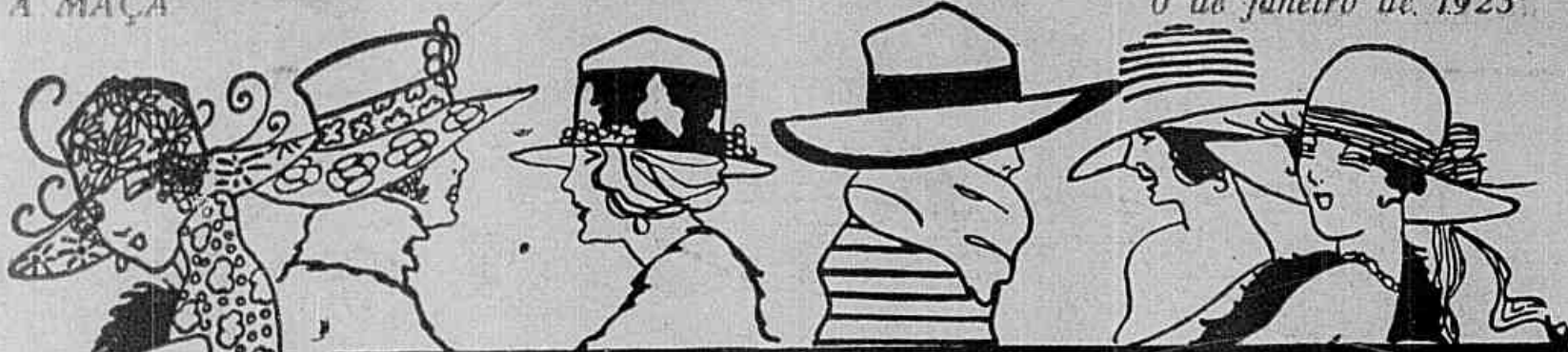
Hi na vida das cortezãs, entre tanta illusoria grandeza, um fundo real de humilde verdadeira, que Christo soube transfigurar em santidade na alma sensivel da Magdalena. A infamia do seu estado, o habito de serem sempre desrespeitadas, tudo contribue para esse effeito, até o mesmo vicio—que, assim professado e publicado, é uma constante humilhação levada com mansuetude.

De maneira que a humilde destas peccadoras lhe parecia, a Elle, mais conforme ao seu meigo coração do que a soberba honestidade das "outras", impan-

tes de virtuosas. Porisso a contricta Maria Magdalena foi santificada pelo proprio Christo para se tornar a Precursora de uma veneravel familia de santas-cortezãs. Nesse fundo de legitima humilde, que existe no seio de tantas peccadoras, previa o Senhor que se encontraria bastante merito obscuro para ser transmutado em muitos esplendores de beatitude.

Hilario Tacito





A CAMA DO VELHO

— Isso não acabará bem! Homem velho casado com mulher moça, é desgraça certa!

Era assim que prognosticavam os amigos do coronel Belisário, proprietário da Pharmacia Brasileira, quando este lhes annunciou o seu casamento com a Liloca, filha do agente do Correio, na villa do Sacramento.

Homem de cinquenta e quatro annos, o coronel Belisário havia feito fortuna por dois meios: com o oleo de ricino, a jalapa, o calomelano, que vendia para as redondezas, e com os garrifetes das suas fazendas, que mandava para a feira, em Uberaba. E possuía, já, em galo e dinheiro, os seus duzentos contos bem contados, quando, com a morte de Dona Guilhermina, que lhe não deixara filhos, resolveu contrahir novas nupcias com a filha do João Viriato, mais moça do que elle uns trinta annos.

A noticia foi mais commentada, ainda, pela certeza, que todos tinham, de que a Liloca nutria uma paixão secreta pelo Praxedes, empregado da agencia. Era um namoro sem futuro, não só porque o rapaz ganhava apenas trinta mil reis por mez, como porque se tratava de um dos pelintrotos mais preguiçosos que a villa havia produzido.

Muito assim, o coronel casou-se, levou a Liloca para a sua casa da rua Nova, reencontrando a sua vida antiga, de homem morigerado e feliz. De manhã, sahia de casa, abria a pharmacia, avia um ou outro freguez, e, pondo uma cadeira na calçada, aguardava as dez horas, quando ia almocar. Jantava ás quatro e meia, e, ás cinco, principiavam a chegar os companheiros para a partida de gamão: o padre Julio, o professor Bentinho, o coronel Paulino, o João Viriato, do Correio, e tres ou quatro outros, igualmente respeitáveis, que se deixavam ficar até ás nove, em ponto, quando o coronel fechava a casa e tomava, as chaves na mão, o caminho do lar.

Ao fim de seis mezes de casamento, começaram a surgir na villa os boatos mais escaudados. Contava o saeristão da matriz, o João Silverio, que, certa noite, ao regressar da igreja, onde havia ido tocar as badaladas das oito horas, viu um vulto, embuçado, pular o quital do pharmaceutico, e desaparecer no rumo do mercado, corrido com a cerca. Uma criada do Capitão Antunes affirmava, também, haver divisado o mesmo vulto na hora do coronel, onde ouvira, ao mesmo tempo, o ruído da chave da cozinha, aberta pelo lado de dentro. Outras informações corriam, d'aqui e d'alli, de boccas menos respeitáveis, mas concordes, todas, em divulgar a infellicidade do velho Belisário.

Foi com os ouvidos cheios d'essas noticias, e com o coração animado pela piedade mais pura, que o professor Bentinho resolveu chamar a attenção do pharmaceutico para o que estava, talvez, acontecendo na sua casa. A tentativa quedou, porém, no meio do caminho, para não transformar num infortunio a mais mentirosa das illusões.

Decidido a abrir os olhos do ancião, seu compadre e seu amigo, o professor chegou a pharmacia antes dos outros, e, chamando o coronel para o interior do estabelecimento, foi, logo, perguntando, em tom confidencial:

— Compadre, diga-me uma cousa: como vai você com a sua nova mulher?

— Eu? — observou o velho, enquanto limpava um almofariz. — Eu, compadre, você quer que eu lhe fale com franqueza? Eu nunca imaginei que a Liloca desse uma esposa tão boa, tão minha amiga, tão carinhosa!

E enquanto o professor o escutava:

— Ella é, para mim, de uma delicadeza que eu nunca esperei. Quer vêr até onde vai o seu cuidado commigo? Imagine que, agora, no inverno, eu chego em casa, naturalmente, com frio. Pois, bem: a Liloca é tão meiga, tão cuidadosa, tão delicada nas menores coisas, que, antes de eu entrar, aquece bem aquecidinho o meu lugar na cama, ao lado d'ella. Não se pôde ser mais carinhosa: não é?

Mal sabia elle, coitado! que quem lhe aquecia o lugar não era a Liloca: era o Praxedes!

João Fortunato

O financista fantastico

O deputado Cincinato Braga tornou-se famoso no Congresso pela variedade dos seus planos economicos, tendentes ao engrandecimento do Brasil. Usinas, estradas de ferro, industrias novas, linhas de navegação, valorização da moeda, tudo isso tem sido imaginado pelo illustre representante paulista, em concepções surprehenderes.

Em uma das ultimas sessões da Camara chegou a Bibliotheca Legislativa o deputado Antonio Carlos. Ia esbaterido, afflicto, preoccupado. Ao entrar foi, porém, indagando logo:

— Onde está o Julio Verne?

— Quem? — indagou o dr. Alecrim.

— E o financista mineiro, corrigindo:

— O Cincinato, homem! Onde está o Cincinato?



O nosso Theatro

FEITIÇOS

COMEDIA EM 1 ACTO DE HEITOR MODESTO

Representada no Trianon — Comp. Abigail Maia, em 15 de Março de 1922. — Kopéck, 60 annos — Brândão Sobrinho Bilu', 55 annos — Apollonia Pinto — Alfredo — 40 annos, Placido Ferreira — Juventina — 20 annos, Cordélia Ferreira.

UMA DAS SCENAS MAIS INTERESSANTES

(Sala de visitas em casa de Kopéck — Interior burguez — Portas a E e D. Grupo — Mesinha e cadeiras) KOPECK (entrando pela direita e fazendo signal para dentro). Psst!... Psst!... Traga o café aqui... (toma uma revista sobre a mesinha e vae sentar no sofá).

JUVENTINA (entrando com a bandeja do café) — Prompto o café... seu Kopéck.

KOPECK — Bem quente? Veja lá se 'ss' não está frio rapariga...

JUVENTINA — Está mesmo como o sr. gosta; com a chicara escaudada.

KOPECK — Você é uma rapariga intelligente. E' um gosto quando uma empregada toma nota daquillo que se diz...

Estou muito satisfeito... E você?

JUVENTINA — Assim... assim...

KOPECK — Assim?!... Assim?!...

JUVENTINA — O sr. é muito bom... mas a patrão é um pouco impertinente... Acha que a gente deve estar sempre trabalhando ou fingindo que trabalha.

KOPECK (provando o café) — Não tem assucar.

JUVENTINA (pondo uma colher de assucar) — Nem se pôde espiar na janella... Hontem de noite fez um barulho... Só porque cheguei no portão...

KOPECK — Bóta mais assucar menina...

JUVENTINA (pondo mais assucar) — Se eu quizesse... vi.e. trancada ia ser freira...

KOPECK — Já está ficando doce... Bóta mais um pouquinho.

JUVENTINA (pondo mais assucar) — Mas eu é que não nasci para ser freira...

KOPECK (Solvendo um góle de café, enquanto o'hi para as pernas da creada) — Se eu tivesse um palmo de canella como você... ia ser dançarina...

JUVENTINA — Que idéa... «seu» Kopéck!... O sr... dançarina?

KOPECK — Eu não... rapariga! Você!

JUVENTINA — Deus me livre!... Eu tinha vontade de ser mas era modista...

KOPECK — Eh!... Eh!... Eh!... Você entende de modas... Estou vendo... E ses sapatos por exemplo...

JUVENTINA — Est.s?... E'... Agora estão no rigor...

KOPECK — Você precisa é umas meias de seda...

JUVENTINA (enlevada) — Meias de seda!

KOPECK (animado) — Daquellas bem finas... Com baguette...

JUVENTINA — Com baguette!...

KOPECK — O diabo é que esta sala não ficava bem com meias de seda.

JUVENTINA — Com baguette...

KOPECK — Será preciso fazer outra... Mas na moda... Um pouco mais para cima...

JUVENTINA — Agora estão usando mais para baixo...

KOPECK — Para baixo é para gente velha... e a velha não tem baguette... Eh!... Eh!... Eh!... Suspende um bocadinho...

JUVENTINA (encurtando a saia) — Assim... por aqui...

KOPECK (abaixando-se e aproximando-se — Mais um pouquinho... mais um pouquinho...

JUVENTINA — O senhor não perde a mania de fazer de mim uma dançarina...

KOPECK — Quero fazer de você uma rapariga chic.

JUVENTINA — Mas não hade ser com o que eu ganho...

KOPECK — Eh!... Eh!... Eh!... Pois será augmentada...

JUVENTINA — A patrão já acha que eu ganho muito...

KOPECK — Mas a patrão não p.e.is: saber dessas cousas...

JUVENTINA — Ah! «seu» Kopeck... não se conolhe agradeça...

KOPECK — Basta que seja muito boa para mim... e que me faça a minha vontade...

JUVENTINA — Quanto a isso não tenha duvida... Heide tratar o senhor como se fosse meu pae.

KOPECK — Como?!... e que idéa... rapariga!!... Tambem isso de pie é muito... Não é preciso tanto...

JUVENTINA — E' que eu nunca tive pae... De.e ser uma cousa tão boa ter um pie que nos dá meia de seda... com baguette... e um bichinho para enolar no pescoço...

KOPECK — Eh!... Eh!... Eh!... Pois sim... eu dou tambem o bichinho para enolar no pescoço... Mas de ser seu pae é que não... Que idéa!... Quer augmentar a familia... para traz!...

BILU' (apparecendo na porta D) — Juventina! Que está você fazendo ahi, ha tanto tempo?... E a mes para tirar...

KOPECK (atrapalhado, estendendo a chicara — Bóta mais assucar ahi rapariga...

JUVENTINA (pondo assucar) — Foi a muher che





Galho DE URTIGA

A «Maça» na Academia

Na sessão publica da Academia Brasileira de Letras, a 28 de dezembro ultimo, o eminente poeta Luiz Murat, secretario-geral, lendo o retrospecto literario do anno, concitou os seus confrades, textualmente:

— «Continuemos a trabalhar! batámo-nos pe'as idéas «mais sãs», e venceremos!»

O nosso venerando director, que se achava em uma das cadeiras da platéa, agradeceu commovido, essa propaganda das idéas «maças»...

O Raciocinio das mães

A pedido da mulher e da filha, o illustre advogado to-mara uma pequena mesa para o «revêillon» do Gloria-Hotel. A' noite, mettido na sua casaca, desceu para o jardim, a espera das duas. E estava ali ha poucos minutos, quando chegaram ambas, sendo que a filha vinha escandalosamente trajada, com os braços e o collo inteiramente á mostra, e, sobre o resto da pelle, a seda quasi transparente.

— Você, minha filha, com esse vestido? — exclamou o pae, escandalizado.

— Não faz mal, não, fulano! — atalhou a matrona, justificando a leviandade da filha.

E olhando o céo, como quem não comprehendesse o pensamento do companheiro:

— Ella não constipa, não. A noite não está fria...

O «shimmy»

Por méra curiosidade o velho e conceituado senalor, figura de excepcional relevo na sociedade e na politica, penetrou, com a família, em um chá-dançante de um dos grandes hotéis da cidade. Dançava-se o «shimmy», e uma das filhas do eminente parlamentar patenteou dezoito de experimental-o.

— Você, minha filha? Não, senhora.

E, indignado:

— Quando você quizer dançar, eu vou com você ao Amazonas, onde, com certeza, os macacos estão, agora, dançando o «minuê!»

A religião e as modas

O capellão do Asylo Santa Leopoldina, em Icaraí, não se cansa de recomendar aos devotos daquelle bairro «chies» o decoro, a decencia, a campanha contra os exaggeros da moda. Mais de uma frequentadora da capellinha do Asylo tem sido chamada á ordem pelo sacerdote, que acabou, afinal, perdendo a paciencia.

Sabbado passado, estava o capellão no confessional, quando viu, a alguns passos de distancia, ajoelhada, uma senhorita, cujo vestido não chegava para cobrir os braços e o collo. Nervoso, o reverendo não se conteve: levantou-se, venceu a distancia, que o separava da moça, e tocando-lhe na manga do vestido, rugiu, indignado:

— Vá mudar isto.... Vá!

A leviana baixou a cabeça, corou, e desapareceu.

Mme. Recamier

Madame é alta, linda, imponente como as figuras femininas da estatuaría grega. Os seus salões, que raramente se abrem, só recebem gente muito fina, muito selecta, muito escolhida.

A illustre senhora tem, entretanto, um fraco: a notoriedade, nas rodas elegantes ou no noticiário dos jornaes.

— E' a nossa «Recamier»... — escreveu, uma vez, Waldemar Bandeira.

Uma das amigas intimas da illustre dama corrigiu, porém, a denominação. E é por isso que, quando fala na cabotina maravilhosa, diz, textualmente:

— A nossa «reclamier»...

A meia-toilette

Madame não é d'aqui: é de Minas, onde vive na fazenda do marido. Alheia ás modas da cidade, veio ao Rio para as festas do fim da anno; e tanto impressionou um jovem advogado nortista, que este mandou á sertaninha um convite para a festa do Fluminense.

Enthusiasmada com a perspectiva daquelle «revêillon», a moça telephonou a uma sua amiga, a quem tinha visto em uma festa anterior, e indagou:

— Filhinha, como eu devo ir?

— Meia-toilette, filha...

— Meia-toilette? Como é isso?

— Viste aquelle vestido decotado com que eu estive no Palace Hotel?

— Vi.

— Pois, bem. Meia-toilette é com a metade d'aquelle decote.

— Já sei! Já sei! — atalhou a consulente. — Já comprehendí.

E explicando-se:

— Meia-toilette é com um seio de fóra, em vez dos dois... Não é?



Para molestias da Pelle,



Dr. Eduardo França



Dentifricio medicinal, o unico que evita a carie e o mau halito.

Uma experiência custa apenas: Líquido: 2\$500
Pasta: 2\$000

À venda em toda parte — Em São Paulo: Casa Lebre — Depósito geral: Casa Hermann, Via.



Não compre V. Exa. a sua
toilette, sem visitar o

AO 1º BARATEIRO

Deslumbrantes exposições de
Vestidos, ultimos modelos em

Georgette, com
rendas de filet;
Marrocain, com
lindos bordados;

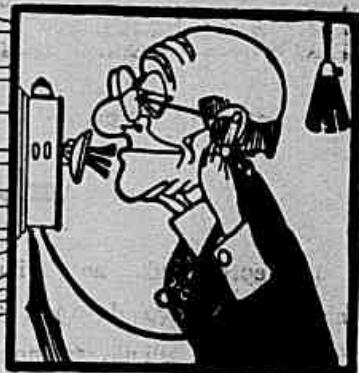
Filó, com rendas
verdadeiras.

AO 1º BARATEIRO

Avenida Rio Branco, 100



"POTINS"



A grande desgraça

Ao contrario do que acontece nos Estados, onde o deputado federal goza de um prestigio indisputavel, essa classe de politicos é tratada, no Rio, com indiferença, ou, antes, com certo desprezo, pelos homens de trabalho.

Nos ultimos dias de sessão, em dezembro ultimo, accentuara-se esse sentimento geral, a proposito dos orçamentos, quando um conhecido homem de commercio, antigo presidente da Associação Commercial, observou, enojado:

— E' horrivel, isso. Eu nunca serei, na minha vida deputado!

— Não diga isso, senhor Fulano, — atalhou o dr. Homero Baptista, que se achava proximo; — não diga isso.

E com ares graves, de quem teme os castigos do céu:

— Não zombe nunca das infelicidades alheias. A desgraça, um dia, pode lhe cair em casa!

E continuou a romper papéis, como outr'ora no Ministerio...

O amor é triste

Naquella mesa para seis pessoas que ficava na «terrace», proximo ao parapeito, e em que o illustre deputado predicava ás senhoras sobre uma infinidade de cousas galantes, houve quem perguntasse, de repente se o amor constituia um sentimento alegre, ou triste.

— E' alegre! — opinou uma das damas.

— E' triste! — informou outra.

E foi quando o deputado, fazendo-as enrubecer por baixo do «rouge», sentenciou, resolvendo o problema.

— O amor é triste, ou melhor, doloroso.

E numa «gaffe», que ficará immortal:

— Qual é, das senhoras que não «chora» quando «ama»?

gar ficou logo azêdo...

BILU' — Vamos com isso!...

KOPECK (fingindo sangado) — E este café frio...

JUVENTINA — E esfriou logo.

KOPECK (pondo a xícara na bandeja) — Leve isso...

JUVENTINA (baixo) — Depois leve... a baguette...

KOPECK — Leva tudo... o café... a baguette... e o bichinho... para enro'ar no pescoço...

(Juventina sae)

BILU' — Que tanta conversa e tanto cochicho é esse?

KOPECK — Coitada!... Estava pedindo um augmento... Com a molestia da mãe foi obrigada a gas'ar todo o ordenado deste mez.

BILU' — E ella tem mãe?!...

KOPECK (fazendo-se jocosos) — Po's já viste alguém que não tiverse mãe?...

Heltor Modesto

O instrumento sagrado

Em uma pequena roda da Colombo, o joen jurista recordava, a proposito de nada, o pensamento de um grande escriptor, que compara as mulheres a instrumentos de musica.

— E o marido, que é? — indagou um dos amigos.

— O marido, é o maestro.

A historia teria ficado por ali si não tivesse penetrado no salão uma senhora, acompanhada pelo esposo e por um amigo deste.

— Madame fu'ara... e seu maestro! — annunciou um, da roda.

— E aquelle outro, quem é?

— Aquelle outro? — tentou o informante.

E, perverso:

— E' o afinador...

Erro de endereço

Em uma viagem de bonde, o joen deputado nordesta havia travado conhecimento com uma encantadora creatura, que lhe deu um endereço.

— Vá á avenida Mem de Sá, e procure pela casa de Mme. Collette. E' facil de encontrar.

Em um dos ultimos dias do anno, o moço parlamentar tomou um bonde da Silva Manoe', saltou na Mem de Sá, e, como tivesse perdido o numero, enfiou por uma porta que encontrou aberta.

— E' aqui a casa de Mme. Collette? — indagou de uma senhora gorda, que lhe appareceu.

— Não, senhor; aqui não é, — informou a dama.

E, rindo, em uma grande mesura:

— Mas, pode entrar... E' a mesma cousa!

Gentileza britannica

A historia é, talvez, antiga, mas é contada com uma graça particular pelo deputado Ephigenio Salles.

Hospedados no Gloria-Hotel, John Forster e Betty Forster, puxam as cadeiras para o terraço num dia de calor, ficando o ing'ez na cadeira commum e Betty numa commoda poltrona de braços.

— Ah! está fazendo calor, Betty? — inlaga o «beef».

— Não, John.

— Não tem mosquito, Betty?

— Nenhum, John.

— A cadeira é commoda, Betty?

— E' John.

— Então, Betty, passa para o meu logar que eu quero me sentar ali.

SYPHILIS? SÓ LUETYL

Licor — Capsula — Injecções

do pharmaceutico-chimico JOÃO DA SILVA SILVEIRA
Grande depurativo do sangue — Para syphilis e suas
terríveis enfermidades.

USAE! USAE! USAE!

EXIR DE
SROGUEIRA

Sedas

As grandes Novidades da Estação de Verão

Sedas

Sedas

Sedas

Sedas

Sedas

N'
Notre
Dame de
Paris

Sedas

Sedas

Sedas

Sedas

Sedas

Sedas

Ninguém vende por tão modicos preços!

O melhor presente

DE

Anno Novo

Gravatas de luxo

O stock mais bello e a
padronagem mais variada
V. Ex. encontra na

Casa ESTRELLA

OUVIDOR, 134

DR. JULIO VIEIRA

Ouvidos, Nariz e Garganta

Consultas diarias das 2 ás 6 — Rua da Assem-
bléa, 41 - 1.º; Telephone Central, 4803 — Residencia:
Hotel Majestic, Praia de Botafogo, 384 — Telephone:
Sul 931.

DOENÇAS DOS OLHOS, OUVIDOS, NARIZ
E GARGANTA

Dr. Raul David de Sanson

Consultas diarias das 2 ás 5 — Consultorio, rua
S. José 43, 1.º andar — Telephone C. 5197 — Resi-
dencia: Ribeiro de Almeida, 21 - Laranjeiras — Tele-
phone : B. M. 527.

INSTITUTO LABORDA**BLENORRHAGIA**

Os casos chronicos e recentes podem ser
curados radicalmente em curto praso
por methodo biologico

Director clinico:

Dr. J. FARIA

Consultas: das 8 1/2 ás 11 e das 13 ás 17 horas
HOMENS E SENHORAS

Rua S. José, 5-1º and. Tel. Central 5168

RIO DE JANEIRO

EDIÇÕES DA GRANDE LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO

Nossa casa, notavel pelo seu enorme e variado sortimento de livros de sciencia, pedagogia, litteratura, etc., tanto nacionaes como estrangeiros, apresenta, nesta relação, alguns dos trabalhos de que, no ramo litterario, é editora, affirmado o valor dessas produções pelo alto merito dos seus autores, dispensados estes, pela sua fulgurante notoriedade, de menção bordada de elogios:

Microscopo. Elógio das flores e dos insectos, de Hermes Fontes, br. 3.000, enc.	4.000	Preceitos e Conceitos, do Prof. Dr. A. Austregesilo, da Academia, br. 5.000, enc.	6.500
Molinhos de vento. (2ª edição), humorismos de Bastos Tigre, br. 4.000 enc.	5.000	Pastoraes, de D. Silverio Gomes Pimenta (da Academia), br. 4.000, enc.	5.000
Noticia da Grande Guerra, (1914-1918, Front Belga), pelo Major Dr. Corrêa do Lago, ex-addido militar á Legação do Brasil, junto ao Governo Belga, obra ornada com innumeras gravuras e mapas, br. 10.000 enc.	13.000	Palavra Publica, do Prof. Dr. José Eduardo da Fonseca, (2ª edição) br. 3.000, enc.	4.000
Nevroses, versos de Murillo Aranha, br. 4.000 enc.	5.000	Problemas da Guerra e da Paz, pelo Dr. Nuno Pinheiro (fiscal do Governo nos bancos), brochado 4.000, enc.	5.000
Nhônô Rezende, romance de Abel Juruá, (pseudonymo da escriptora D. Iracema Guimarães Villela), br. 4.000 enc.	5.000	Reminiscencias de um sabula criminalista, do Dr. Evaristo de Moraes, br. 10.000, enc. 12.000, chag.	14.000
Os Caiçaras, prosa do saudoso humorista Baptista Coelho, João Phoca, preácio de D. Julia Lopes de Almeida, br. 3.000, encadernado	4.000	Ronda dos Seculos, (2ª edição), de Gustavo Bairoso (João do Norte), br. 5.000 enc.	6.000
O Patriarcha da Imprensa, do Dr. José da Fonseca (da Academia Mineira), br. 3.000, enc.	4.000	Silvestre Lagedo, romance de Plinio Cavalcanti, brochado 4.000, enc.	5.000
Outomno, poesias do saudoso poeta Mario Pederneiras, com illustrações dos nossos melhores desenhistas, br.	3.000	Sciencia parlamentar, de Hamilton, trad. de Otto Prazeres, brochado	3.000
O Imperio do Sarcasmo, do Dr. Caio de Carvalho, brochado	3.000	Tratado brasileiro do Jogo do Pocker, por José Caetano (pseudonymo) contendo regras indispensaveis, golpes certos, conselhos oriundos de uma longa pratica e varias pilherias, br.	3.000
O Feliteiro, do Dr. Xavier Marques, da Academia, brochado 5.000 enc.	6.500	Terra Convalescente, poesias de Mauseto Bernardi, brochado	3.000
Os Allados, comedia em 3 actos, de Gastão Tojeiro, br.	2.000	Tumulto, poesias de Prado Kelly, br.	3.000
O Elegante Doutorinho, a proposito em 1 acto, de Gastão Tojeiro, br.	1.000	Torrente encadeada, poema de Octavio Augusto, brochado	2.000
O Acre, romance de Nios, br.	5.000	Tratado de sciencia occulta, de Mucio Teixeira, Barão Ergonte. A 1ª parte trata exclusivamente da doutrina theosophica; a 2ª ensina a maneira pratica de lêr a sorte pelas linhas da mão e pelas cartas de baralho. Trabalho magnificamente illustrado, dotado de um baralho de cartas adequadas á materia, cartonado	10.000
Os Gaúchos, de Mucio Teixeira (Barão Ergonte) Estudo do meio physico, do Momento historico, da Vida pampeana, do Cancioneiro popular, e Synthese biographica dos rio-grandenses illustres, 1º e 2º volumes, de grande formato, cada um, br. 7.000 enc.	9.000	Tonel de Diogenes, nova edição das notaveis chronicas do Conselheiro X. X. apparecidas em livro sob esse titulo, br. 5.000, enc.	6.500
O Hospede, romance de Aristides Rabello, br.	5.000	Valle de Josephat, continuação das famosas chronicas do Conselheiro X. X. (Humberto de Campos, da Academia), br. 5.000, enc.	6.500
O Imperador visto de perto, (Perfil de D. Pedro II), por Mucio Teixeira, Barão Ergonte, intimo da familia imperial decahida, br. 5.000 enc.	7.000	365 dias de Boulevard (2ª edição), de Théo-Filho, br. 4.000 enc.	5.000
O Perigo americano, de Medeiros e Albuquerque, da Academia, br.	1.000	Marido e Amante, romance do Dr. Americo Werneck, br.	6.000
Poemas e Sonetos, de Ronald de Carvalho, obra premiada pela Academia, enc.	5.000	Um desfiar de lembranças, do Dr. Cyro de Azevedo, br.	6.000
Paginas de critica, de Medeiros e Albuquerque, da Academia, br. 5.000, enc.	6.000	Cousas do meu tempo, de Ernesto Mattoso, br.	5.000
Philosophia da Arte, do Dr. Vicente Licinio Cardoso,, br.	6.000	Era uma vez... — versos de Guilherme de Almeida, br.	3.000
Prosas de Casandra, chronicas do Dr. Eduardo Ramos, preafcio do Dr. Ruy Barbosa, da Academia, br. 4.000, enc.	5.000		

PEDIDOS DIRECTAMENTE Á GRANDE LIVRARIA EDITORA

LEITE RIBEIRO

Ruas: Bethencourt da Silva, 15, 17 e 19 e 13 de Maio, 74 e 76

Caixa Postal 899

Endereço telegr. ETIEL.

Telephones: Central 250 e 38

Não temer a Tuberculoses

O "SANGUINOL"

E' o melhor e o mais activo fortificante que existe. Uma colher de "SANGUINOL" faz mais effeito que um vidro do melhor tonico. As Mães que criam, os Anemicos, as Moças palidas, as Crianças rachiticas e escrophulosas, os Esgotados, os depauperados, obtêm carnes, saude, vigor e sangue novo usando o "SANGUINOL". E' o melhor preventivo contra a Tuberculose.

Desenvolve e faz as crianças robustas.

O "SANGUINOL" é muito superior ás Emulsões de Oleo de figado de Bacalhau que em geral atacam o estomago e o figado nas estações quentes.

Em todas as Pharmacias e Drogarias



— HEBE —

PÒ DE ARROZ DA MODA
ADHERENTE E PERFUMADO

Caixa 2\$500 — pelo Correio 3\$200

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Deposito Perfumaria Lisboa — OUVIDOR, 55 — RIO



A MAÇA

EXPEDIENTE:

"A MAÇA"

Semanario Illustrado — Director: Conselheiro X. X. — Proprietario:
Humberto de Campos. — Redacção: Rua SACHET, 28.

Estados:

Anno 25\$000
Semestre 13\$000
Numero avulso 8\$000

Capital:

Numero avulso 8\$000
atrazado 8\$000

Porte simples

Anno 10\$000
Semestre 10\$000

Exterior:

Registrado

Anno 60\$000
Semestre 35\$000

Agentes para os Estados:

Livraria LEITE RIBEIRO. — Rua Bethencourt da Silva, ns. 15, 17 e 19

Tabella para Annuncios:

1 pagina.....	200\$000	1/8 pagina.....	35\$000
1/2 ".....	110\$000	Capa a duas cores....	450\$000
1/4 ".....	60\$000	" " " " ".....	600\$000

Tratar directamente na gerencia com o Snr. João de Abreu.

Telephone N. 4594

GUARANIT

TONICO SUPREMO

Magreza, velhice precoce, e
pinhas de origem intestinal.
Base de genuino e concentra-
do guaraná - kola - cocca - arse-
nio-phosphatos, nóz vomica, etc.

CASA YORK

GRANDE VENDA

DE

Saldos

22/26 Assembléa

esquina da Rua do Carmo

PESO NO ESTOMAGO?
INDIGESTÕES? NAUSEAS?
DYSPEPSIAS? AZIAS?
COLICAS? FIGADO?
INTESTINHOS?
PESO NA CABEÇA?
ANSIAS? ENJÓOS?
FALTA DE APETITE?
FLATULENCIAS?
ENXAQUECAS?
TONTEIRAS?....

USAE O
DIGESTYL
EFFECTO SEGURO

CONSESSONARIOS
S. FARIAS & CIA
RUA MAJOR AVILA, 67
DEPOSITARIOS
DRUG. RIBEIRO MENEZES & CIA
Rua Uruguayana, 91
DRUG. BAPTISTA
Rua dos Ourives, 30

